

ANO 6 - NÚMERO 76 - FEVEREIRO 2021

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 15

CARRO PARTICULAR: FUTURO CONGESTIONADO

p. 08

CONSCIÊNCIA NEGRA

Madalena somos todas nós

p. 20

LITERATURA

Roubaram as Terras
Índias

p. 30

UNIVERSO FEMININO

Kamala Harris

p. 44



**DOE AGORA E AJUDE A MUDAR A REALIDADE
DE CENTENAS DE PESSOAS EM BELÁGUA (MA)**



**APONTE A CÂMERA DO
SEU CELULAR PARA O
QR CODE AO LADO E
DOE!**

**SUA DOAÇÃO FAZ TODA
DIFERENÇA!**

**SUA DOAÇÃO AJUDARÁ NA
IMPLANTAÇÃO DE MELHORIAS
E APERFEIÇOAMENTO DOS
PROJETOS DO MOVIMENTO
SOLIDÁRIO EM BELÁGUA/MA.
CADA AÇÃO ESTÁ
DIRETAMENTE LIGADA À
QUALIDADE DE VIDA E
DESENVOLVIMENTO DAS 30
COMUNIDADES ASSISTIDAS
PELO PROGRAMA. TORNE-SE
UM AGENTE TRANSFORMADOR
NA VIDA DOS QUE MAIS
NECESSITAM. DOE!**

ACESSE:

WWW.FENAE.ORG.BR/MOVIMENTOSOLIDARIO



**Movimento
Solidário**

 FENAE  APCEF

“ **Solidariedade, amigos, não se agradece, comemora-se.** ”
Betinho

COLABORADORES/AS - FEVEREIRO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Eduardo Galeano – Escritor (*in memoriam*). Elson Martins – Jornalista. Emir Sader – Sociólogo. Emir Bocchino – Designer Gráfico. Iêda Leal de Souza – Professora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora. Jaime Sautchuk – Jornalista. Janaina Faustino – Gestora Ambiental. José Ribamar Bessa Freire – Professor. Leonardo Boff – Ecoteólogo. Lúcia Resende – Professora. Manoel de Barros – Poeta (*in memoriam*). Marcela Fonseca – Jornalista. Pedro Casaldáliga – Poeta (*in memoriam*). Rachel de Queiroz – Escritora (*in memoriam*). Sinvaline Pinheiro – Educadora ambiental. Vanderlei Luiz Weber – Professor. Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista. Agamenon Torres Viana – Sindicalista. Ailton Krenak – Escritor. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Ana Paula Sabino – Jornalista. Andrea Matos – Sindicalista. Ângela Mendes – Ambientalista. Antenor Pinheiro – Jornalista. Cleiton Silva – Sindicalista. Elson Martins – Jornalista. Emir Sader – Sociólogo. Fernando Neto – Advogado. Gomercindo Rodrigues – Advogado. Graça Fleury – Socióloga. Iêda Leal – Educadora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora. Jacy Afonso – Sindicalista. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista. Júlia Feitoza Dias – Historiadora. Kleiton Moraes – Sindicalista. Lucélia Santos – Atriz. Rosilene Corrêa Lima – Jornalista. Trajano Jardim – Jornalista.



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.



O automóvel ainda é um bem venerado, no Brasil, além do seu valor como utilitário na mobilidade urbana. Um valor misterioso, que significa poder e reforça a enorme desigualdade socioeconômica aqui existente. Preserva sentimentos envelhecidos, que contêm forte dose de prepotência e egoísmo.

Enquanto isso, em vários países, de diversos continentes, já se fala na instituição do “carro por assinatura”, um sistema já utilizado com bicicletas e patinetes, que significa aluguel. Ou seja, o usuário irá pegar um carro qualquer pra cumprir algum compromisso e o deixará em outro ponto, próximo do seu destino, onde ficará de novo disponível ao público em geral.

No entanto, o carro particular, de um dono, com seus valores adicionais, continuará existindo entre os brasileiros, engarrafando o trânsito das grandes cidades, onde o transporte coletivo é ineficiente. As pessoas desempregadas que ficam onde moram, nas periferias, amargando sua pobreza.

É um assunto atual, que está em pauta no mundo inteiro e é o tema da matéria de Capa desta edição de Xapuri, numa abordagem que parte do fechamento das fábricas da Ford e evolui pelo que pode vir a ser o futuro do automóvel particular.

Como de costume, entretanto, nas páginas que começamos a folhear temos um sortido repertório de tópicos, sempre bem ilustrados ou analisados por nossa equipe de articulistas.

Vale a pena conferir, acredite! Vamos juntos.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

*Acabei de ver a revista. Nossa, está linda!
A diagramação, os textos... Primorosos!*
Rejane Araújo – Planaltina – DF.

*Sou admirador e entusiasta da Revista Xapuri. Li algumas revistas
um tempo atrás. Agora farei minha assinatura para ter a revista impressa.*
João Carlos Pereira – Nova Xavantina – MT.

Estou encantada com as coleção de camisetas. Parabéns!
Cláudia Corrêa – Belo Horizonte – MG.



Revista Xapuri

Imagem do mês

@revistaxapuri

@cores.da.caatinga

Marque suas melhores fotos do
Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!



Xapuri 76

SOCIOAMBIENTAL

FEV 21

08 **CAPA**
Carro particular: futuro congestionado

20 **CONSCIÊNCIA NEGRA**
Madalena somos todas nós

15 **BIODIVERSIDADE**
O quero-quero

22 **ANTROPOLOGIA**
O Cerrado antes de Cristo, Maomé, Colombo, Cabral e tantos outros sobrenomes de pompas

18 **CONJUNTURA**
Populista é a mãe

25 **HISTÓRIA SOCIAL**
A noite Kuna

Xapuri - Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

28 **MEIO AMBIENTE**
Toca Vó Quirina: espaço aberto para a produção agroflorestal no Cerrado

30 **LITERATURA**
Roubaram as Terras índias

31 **GASTRONOMIA**
Baião-de-dois

32 **ECOLOGIA**
Com cupim e com afeto

36 **ECOTURISMO**
Gente Formosa: Saulo, um viajero em duas rodas

38 **SAÚDE**
As dores do mundo no bairro de Aparecida

41 **SUSTENTABILIDADE**
E se a Terra se livrar da espécie humana, como fica?

44 **UNIVERSO FEMININO**
Kamala Harris: quem é a mulher com maior poder político no mundo atual?

47 **MITOS E LENDAS**
Lenda da Alaoa

48 **SAGRADO INDÍGENA**
Arara: a luta de um povo pela preservação da terra indígena mais desmatada do Brasil



CARRO PARTICULAR: FUTURO CONGESTIONADO

O fechamento de montadoras da filial brasileira da Ford Motor, dos Estados Unidos, não chegou a surpreender ninguém pelo lado negativo – ao contrário, pode trazer mudanças há muito esperadas no cenário urbano nacional. No País há mais de cem anos (desde 1919), a empresa representa um freio em possíveis modernizações do setor.

Desde o início, Henry Ford, dono da empresa, investiu pesado no Brasil, inclusive na Amazônia, onde montou um projeto de exploração do látex e produção de borracha. A Fordlândia, no município de Aveiros, Sudoeste do Pará, funcionou de 1927 a 1945 e foi largada pra trás, com seus prédios e equipamentos, por falhas no manejo dos seringais e no processo produtivo. A empresa seguiu, porém, com sua atividade principal, ligada ao automóvel, em outras partes do país.

Os restos do empreendimento existem até hoje, bastante degradados, mas funcionam como uma espécie de museu a céu aberto, visitado pelo seu valor histórico. A vila de moradores, ali existente desde quando o projeto ainda funcionava, conta hoje com uma população de cerca de 1.500 pessoas, empregadas em diferentes atividades, dentre as quais a agricultura e o turismo.

Atualmente, 89,7 milhões de veículos são produzidos por ano no mundo, sendo 3,1 milhões deles fabricados no Brasil. A distribuição fica por conta de 5.533 concessionárias distribuídas pelo País, além de 31 fabricantes em vários estados brasileiros, que, em seu todo, posicionam o parque brasileiro como o 8º maior produtor de veículos no mundo.

Por mais que dê preferência ao automóvel, o poder público não consegue ordenar a mobilidade das pessoas. Os cerca de 60 milhões de carros em circulação no Brasil já são personagens de enormes engarrafamentos que tomam as cidades brasileiras todos os dias. O trabalhador que não tem carro e depende do transporte público padece com o tempo gasto nos deslocamentos.

A grande conquista dos assalariados nas primeiras décadas do século passado foi a jornada de oito horas diárias de trabalho. Hoje, contudo, grande parte dos trabalhadores gasta entre três e quatro horas nos deslocamentos de casa até seus locais de trabalho, de modo que a jornada diária voltou a ser de mais de 10 ou 12 horas diárias. Vale lembrar que o modelo agrícola em implantação no Brasil, nas últimas décadas, altamente predatório, expulsou as populações das áreas rurais – foram reservadas a elas as periferias das grandes cidades e favelas espalhadas país afora.

Os investimentos na modernização dos sistemas de transportes públicos, quando existem, são escassos e os coletivos têm que disputar espaços nas ruas com o automóvel particular, utilitários e outros veículos. Assim, as políticas públicas de transportes

caem na inoperância, mas o País se mantém entre os dez maiores mercados de automóveis do mundo, pois o carro ainda é um bem necessário.

De todo modo, contudo, pelo caminho que vem tomando, o futuro do carro particular, no Brasil, é tortuoso e aponta pra um enorme engarrafamento, decorrente em grande parte da ausência de uma política nacional de mobilidade urbana. Assim, a estrutura existente nas cidades brasileiras, até os dias atuais, favorece os usuários de sua majestade, o carro particular. A maioria da população fica, portanto, de fora do processo, por razões econômicas.

É certo que, nos anos recentes, o automóvel particular vem perdendo espaço nas principais cidades do mundo, especialmente nas capitais europeias. Esse é o caso de Londres, na Inglaterra, que há décadas impõe dificuldades ao acesso desses veículos às suas áreas centrais – circular ou estacionar, ali, é difícil e extremamente caro, além de estar sujeito aos rigores de uma polícia de trânsito vigilante e ativa, dia e noite.

É bem verdade, no entanto, que os serviços de transportes coletivos londrinos são, também, muito variados e eficientes, capazes de atender condignamente às populações da área metropolitana da capital. O mesmo vale pras cidades inglesas do interior, de todos os tamanhos, que reproduzem o modelo nacional. Bem diferentes dos transportes coletivos das cidades brasileiras, em geral muito ruins, desorganizados e ineficazes.

MONTADORAS

Fundada em 1919, a Ford do Brasil dedicou-se inicialmente à importação de veículos produzidos no exterior. Foi a segunda filial sul-americana da Ford, depois da Ford Argentina. Em 1921, inaugurou instalações especialmente projetadas para funcionarem como linha de montagem de veículos, na Rua Solon, no bairro do Bom Retiro, em São Paulo. O automóvel modelo “T” e o caminhão modelo “TT” foram os primeiros veículos montados pela Ford no Brasil.

Até a metade dos anos 1910, o Brasil e a América do Sul tinham uma dominância de veículos importados da Europa. Esse cenário começou a mudar com o início da Primeira Guerra Mundial, que praticamente paralisou a exportação de automóveis daquele continente. Em 1914, a pequena sucursal da Ford na Argentina se tornou uma filial industrial, o que abriu caminho pra construção da filial brasileira, a primeira fabricante de automóveis a se estabelecer em território nacional.

A inauguração dessa fábrica permitiu à companhia expandir suas operações em território brasileiro como nunca e iniciar um período de prosperidade nos negócios realizados por aqui. Especialmente durante toda a década de 1920, a predominância



dos veículos da Ford nas ruas do país, fossem eles automóveis de passeio ou caminhões, era gritante.

No ano de 1927, visando a ampliação do parque industrial da Ford em São Paulo, a empresa adquire um terreno no bairro da Vila Prudente para uma nova fábrica, que seria inaugurada em 1953. A velha unidade da Ford chama atenção pelo seu tamanho, razoavelmente grande para a realidade brasileira de mais de cem anos atrás.

O primeiro automóvel lançado pela Ford do Brasil foi o Ford Galaxie 500, em abril de 1967, igual ao modelo norte-americano de 1966, exceto pela motorização, e era na época o mais moderno automóvel fabricado no Brasil. Ainda em 1967, a Ford do Brasil adquiriu o controle acionário da Willys Overland do Brasil, herdando então um projeto de carro médio que viria a ser lançado em 1968 depois de extensas modificações, o Ford Corcel.

Em 2001, foi inaugurada a unidade de Camaçari, na Bahia, onde foram fabricados vários modelos populares. Foram os modelos desta fábrica, sobretudo Fiesta e EcoSport, que impediram a empresa de deixar o Brasil na década de 2000, quando a unidade da Vila Prudente foi desativada e demolida, para a construção de um *shopping center*.

GETÚLIO E JK

De volta ao governo em 1951, por eleições diretas, o presidente Getúlio Vargas criou a Comissão de Desenvolvimento Industrial (CDI), encarregada de fazer estudos sobre a viabilidade de implantar uma indústria automobilística nacional. Um ano depois, o governo montou, dentro da CDI, a "Subcomissão de Jipes, Tratores, Caminhões e Automóveis", que iniciou a estruturação de uma política voltada ao setor automobilístico.

Suas primeiras medidas práticas foram o Aviso 288 (agosto de 1952), da Carteira de Exportação e Importação do Banco do Brasil (CEXIM), que limitava a concessão de licenças para a importação de autopeças já produzidas no país, e o Aviso 311 (abril de 1953), que proibia a importação de veículos completos, já montados.

Nesta fase, quem chegou primeiro, porém, foi a Volkswagen, em abril de 1953, inaugurando uma fábrica no bairro do Ipiranga, em São Paulo. Em julho de 1955 transforma-se em Sociedade Anônima (Volkswagen do Brasil S.A.), com 80% de capital alemão e 20% do grupo brasileiro Monteiro Aranha. No final do ano muda-se para um prédio próprio

no km 23,5 da Via Anchieta, em São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo.

Em 16 de junho de 1956, o presidente Juscelino Kubitschek criou o GEIA (Grupo de Estudos da Indústria Automobilística), reunindo empresas fabricantes de veículos (automóveis, comerciais leves, caminhões, ônibus/autocarros) e máquinas agrícolas automotrizes (tratores de rodas e de esteiras, cultivadores motorizados, colheitadeiras e retroescavadeiras) com instalações industriais no Brasil ou em vias de iniciar a produção.

Pressionado por fabricantes, JK fazia uma opção histórica, posicionando o país do lado das rodovias, deixando de lado o setor ferroviário, apesar das condições favoráveis à implantação de trilhos em todo o território nacional. Ele costumava dizer que, quando fosse eleito novamente presidente, daria prioridade às ferrovias, mas não teve essa oportunidade.

A implantação de ferrovias, no Brasil, sempre foi uma atividade problemática e demorada – basta ver os exemplos da Madeira-Mamoré, em Rondônia; da São Paulo-Rio Grande, no Sul; e, mais recentemente, da Norte-Sul, cujo trajeto é paralelo ao da rodovia Belém-Brasília, até Anápolis, em Goiás.

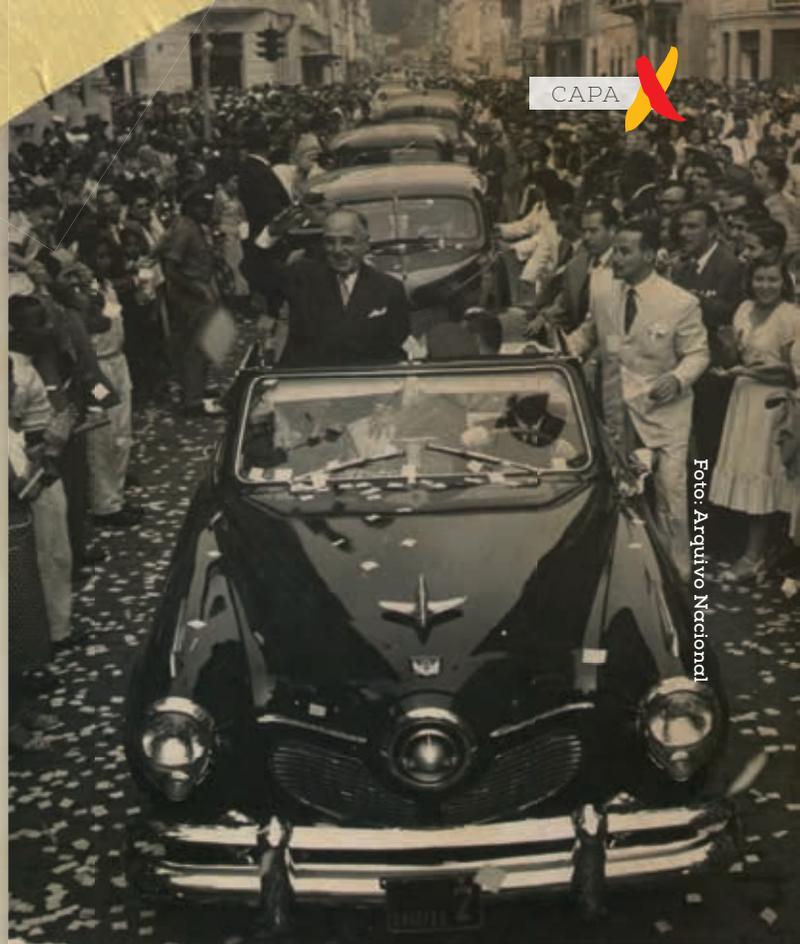
FENEMÊ E GURGEL

Apesar de estar na roda dos países produtores de motores e veículos automotivos, o Brasil nunca conseguiu firmar um carro inteiramente nacional. Pressões de todos os tipos acabam soterrando iniciativas nesse sentido, embora haja exemplos de tentativas que marcaram épocas, mas também sucumbiram diante da guerra-fria dos grandes fabricantes e de instâncias governamentais.

Um dos casos mais conhecidos é o da Fábrica Nacional de Motores (FNM), conhecida popularmente como FeNeMê. É uma empresa brasileira concebida para produzir motores aeronáuticos que, todavia, ampliou a sua atuação para a fabricação de caminhões e automóveis, atividade pela qual se tornou mais conhecida. Os caminhões de carachata, volumosos e barulhentos, tomaram conta das estradas brasileiras por décadas.

Em 2020, a fabricante foi reestruturada, com sede no Rio de Janeiro, e produzindo caminhões elétricos na fábrica da Agrale no Rio Grande do Sul (RS). A ideia de criar a FNM surgiu em 1939, no período do chamado Estado Novo, no governo do presidente Getúlio Vargas, com a ideia de que atenderia à aviação militar e à nascente produção nacional de aviões para uso civil.

Sua fábrica foi construída em Xerém (distrito de Duque de Caxias, no pé da Serra de Petrópolis) durante a Segunda Guerra Mundial. Eram instalações grandiosas e modernas. Quando saiu o primeiro avião com motor FNM, em 1946, no entanto, a guerra já havia acabado e os Estados Unidos torravam seus excedentes militares. Só a Força Aérea Brasileira (FAB) tinha 180 motores Wright importados em estoque.



Em 1947, a estatal teve ações vendidas na bolsa, mas só em 1949 é que Xerém encontrou seu rumo: graças a um acordo com a marca italiana Isotta Fraschini, a FNM foi a primeira empresa a fabricar caminhões no Brasil. E chegou a fabricar um automóvel – o FNM-JK, um carro luxuoso –, na década de 1960, mas não se encaixou no jogo do mercado e foi expulso de campo.

Outra experiência de produção de um veículo 100% nacional foi a da Gurgel Motores S.A., que fabricava carros desenvolvidos pelo engenheiro João Augusto Conrado do Amaral Gurgel, dono da empresa. Criada em 1969, em São Paulo, a montadora produziu aproximadamente 30 mil veículos genuinamente brasileiros durante seus 27 anos de existência.

Em verdade, originalmente a Gurgel produzia karts e carros infantis. Entrou na esfera dos automóveis ao fabricar o bugue Ipanema, que acabou sendo muito usado em terrenos rústicos, o que serviu de dica sobre a linha de produção a seguir, de modo que o maior sucesso da empresa foi o jipe Xavante, que foi adotado pelo Exército Brasileiro como veículo militar e foi muito vendido a um público interessado em aventuras e dificuldades fora de estradas.

A empresa havia batido seu recorde de vendas, quando comercializou 3.746 carros em 1991, mas caiu para 1.671 em 1992 devido à greve de funcionários da alfândega brasileira em 1991, que impediu a chegada de componentes da Argentina. A quebra no ritmo de produção quebrou o fluxo de caixa da empresa, e as dívidas se acumularam.



CAPA

GURGEL

UM SHOW DE TECNOLOGIA.



CARAJÁS



X-12L



X-12 TR



G-800 CD



ITAIPU E-500 (elétrico)

Sem conseguir apoio do governo, a Gurgel pediu concordata em junho de 1993. Em uma última tentativa de salvar a fábrica, em 1994, foi feito um pedido ao governo federal para um financiamento de 20 milhões de dólares à empresa, mas este foi negado, e a fábrica foi declarada falida em 1994.

Após diversas tentativas de venda do terreno da fábrica e seus veículos abandonados, ela só foi leiloadada em 2007, por quase R\$16 milhões. O dinheiro serviu como pagamento de dívidas trabalhistas, que chegavam a quase R\$20 milhões. A Gurgel deixou um lastro de R\$280 milhões em dívidas.

TABUS

Muita mudança precisa ocorrer, ainda, pra que haja alguma alteração mais profunda no tratamento que o automóvel recebe de seus usuários ao redor do mundo. Entidades de pesquisa, fabricantes e estudiosos de universidades concordam em que esse bem até hoje carrega uma mística de algo que representa muito mais do que é na realidade, como um demonstrativo de riqueza ou comprovação de que seu proprietário é melhor do que os outros em algumas coisas.

Estamos falando, claro, de Brasil, levando em conta que a cabeça de uma pessoa de classe média brasileira funciona de modo bastante diferente da de um vivente europeu, por exemplo. Ao mesmo tempo, amplas e prolongadas pesquisas realizadas nos Estados Unidos revelam que a maior parte da juventude daquele país não coloca o automóvel nas listas de dez quesitos preferências que essas pessoas fazem de maneira consciente, ponderada.

“O carro dos meus sonhos” ainda existe por aqui, assim como o carro que é “a cara do fulano” ou “uma continuidade da sua dona”. Longe daquilo que já ocorre com bicicletas e patinetes em muitas cidades brasileiras, onde o aluguel desses veículos já se tornou rotineiro. Os usuários não se incomodam com pegar uma bike pra ir ao seu local de trabalho, outra pra sair pro almoço e uma terceira pra ir embora, pra casa, no final do dia. Com o carro é diferente.

Começa pela similaridade: as bicicletas são praticamente iguais e ficam encaixadas em posições idênticas, com uma trava bem simples em cada uma. É só destravar, puxar uma delas e sair pedalando até um ponto próximo ao seu local de destino, onde haverá outro bicicletário com os mesmos equipamentos – ali, é só encaixar a bike e pronto. Procedimentos similares valem às patinetes, motorizadas ou não.

Não há quem saiba, com certeza, quando esse sistema irá funcionar com os automóveis. Em vários países, há locadoras de veículos testando sistemas de compartilhamento de carros, com padronização, num formato que está sendo chamado de “carro por assinatura”. Ou seja, a pessoa tem um contrato com a empresa locadora e, assim, fica credenciada a usar

os veículos que estarão disponíveis, estacionados em áreas apropriadas, em locais estratégicos nas cidades e rodovias.

Deste modo, em algum tempo não muito distante, talvez, as pessoas pegarão um desses veículos, que são compactos e econômicos, pra cumprir compromissos durante os dias de semana, como ir ao local de trabalho, escola, refeitório e assim por diante. Nos finais de semana, o mesmo formato irá funcionar, garantindo os passeios com a família ou compromissos com amigos, com carros maiores e mais confortáveis, mas operando no mesmo sistema.

Estudos de especialistas revelam que, no caso brasileiro, essas mudanças demorarão bem mais do que em outras partes do planeta, de modo que os veículos da Ford poderão ter uma sobrevida bem alongada por aqui. A quebra de alguns tabus e hábitos arraigados não é um processo rápido, como todos sabemos, mas tampouco devemos lançar esses prazos ao infinito, sem esperanças de esgotamento.

Há costumes desses que estão expressos nas próprias casas em que essas pessoas vivem, como as garagens, que com muita frequência são posicionadas nas partes mais destacadas dessas moradias, numa arquitetura engajada nesse formato de existência. Assim, os automóveis ficam em realce nas casas, como que ostentando o padrão de vida daqueles que ali moram – quantos carros possuem, de que modelos são e que acessórios mais refinados (rodas, pneus, faróis etc.) têm, como forma de se sobrepujar sobre os demais viventes.

Pessoas desse naipe por certo terão dificuldades de se adaptar ao transporte coletivo ou mesmo aos veículos compartilhados, o que reforça os resultados de pesquisa do IBGE sobre as desigualdades socioeconômicas da sociedade brasileira. As elites ricas e boa parte da classe média, que ostenta além do real, se nutrem dessas fantasias e se sentem saciadas quando colocam os pés sobre seus vizinhos, passando longe de sentimentos nobres, como solidariedade ou equidistância.

LOGÍSTICA

É de se supor o tipo de infraestrutura que as cidades terão que dispor pra comportar um número crescente de automóveis, um fator que exige planejamento e sensibilidade, visão de longo alcance. Os métodos de gestão fazem diferença no cotidiano, como se percebe, por exemplo, em São Paulo, entre os períodos dos prefeitos Fernando Haddad e João Dória – os cuidados de um com a escala de prioridades na mobilidade e a desatenção do outro, que priorizou o carro particular, desmontando estruturas viárias e desfazendo um sistema mais eficiente de transportes públicos.

Além do mais, ao invés de seguir a tendência de diminuição, experimentada durante alguns anos, a desigualdade da sociedade brasileira



tem aumentado visivelmente nos últimos tempos, o que torna mais complexa a vida nas grandes cidades. E quando a gestão se presta a achar que a estrutura urbana é do automóvel particular, a convivência nas cidades se torna conflituosa, com desvantagem aos já menos favorecidos.

Em verdade, aos partidários dessas políticas é melhor que esses menos favorecidos fiquem mesmo recolhidos na periferia, sem se locomoverem. Às fatias médias da sociedade restará, então, a busca de carros que viabilizem sua locomoção enquanto for possível. Os deslocamentos em automóveis nas áreas urbanas brasileiras é demorado e trabalhoso, mesmo em cidades que deveriam estar isentas desse padecimento, como é o caso de Brasília.

Apesar da modernização dos automóveis no mundo inteiro, com redução nos tamanhos, uso de alternativas de energia e assim por diante, no Brasil esse processo vai demorar bem mais. Aqui, mesmo o carro elétrico – a atualização mais aclamada, por não ser poluente e ser mais econômico – está chegando em marcha lenta, por diversas razões. Uma delas, como já vimos, é o próprio usuário, apegado a hábitos envelhecidos.



Jaime Sautchuk –
Jornalista. Escritor.



O QUERO - QUERO



Manoel de Barros

Natureza será que preparou o quero-quero para o mister de avisar? No meio-dia, se você estiver fazendo sesta completa, ele interrompe. Se está o vaqueiro armando laço por perto, em lugar despróprio, ele bronca. Se está o menino caçando inseto no brejo, ele grita naquele som arranhado que tem parte com arara. Defende-se como touro. E faz denúncias como um senador romano.

Quero-quero tem uma vida obedecida, contudo. Ele cumpre Jesus. Cada dia com sua tarefa. Tempo de comer é tempo de comer. Tempo de criar, de criar.

É pássaro mais de amar que de trabalhar.

De forma que não sobra ócio ao quero-quero para arrumar o ninho. Que faz em beira de estrada, em parcas depressões de terreno, e mesmo aproveitando sulcos deixados por cascos de animal.

Gosta de aproveitar os sulcos da natureza e da vida. Assim, nesses recalques, se estabelece o quero-quero, já de ovejira plena, depois de amar pelos brejos perdida e avoadoramente.

E porque muito amou e se ganhou de amar desperdiçadamente, seu lar não construiu. E vai conceber no chão limpo. No limpo das campinas. Num pedaço de trampa enluçada. Ou num águaçal de estrelas.

Em tempo de namoro, quero-quero é boêmio. Não aprecia galho de árvore para o idílio. Só conversa no chão. No chão e no largo. Qualquer depressãozinha é cama. Nem varre o lugar para o amor. Faz que nem boliviana. Que se jogue a cama na rua na hora do prazer, para que todos vejam e todos participem. Pra que todos escutem. Não usa o silêncio como arte.

Quero-quero no amor é desbocado. Passarinho de intimidades descobertas. Tem uma filosofia nua, de vida muito desabotoada e livre.

Depois de achado o ninho e posto o ovo porém, vira um guerreiro o quero-quero. Se escuta passo de gente se espeta em guarda. Tem parenteza com sentinela. Investe de esporão sobre os passantes. E avisa os semoventes de redores.

Disse que pula bala. Sei que ninguém o desfolha. Tem misca de carrapato em sua carne exigua. Debaxo da asa guarda este ocarino redoleiro pra de-comer dos filhotes.

De olhos ardidos, as finas botas vermelhas, não pode ver ninguém perto do ninho, que se arrepia e enfeza, como um ferrabrás.

Passarinho de topete na nuca, esse!



Manoel de Barros (Cuiabá - 19/12/1916 - Campo Grande - 13/11/2014, aos 97 anos). Poeta pantaneiro, em "Livro das Pré-Coisas", 2ª edição, Record, 1997.

DESMPRGO



CAMPANHA CONTRA
O DESMONTE E DEMISSÕES
DO BANCO DO BRASIL

#MeuBBValeMais



FEDERAÇÕES
E SINDICATOS

BANCO DO BRASIL

O Banco do Brasil
aumentou em 122%
seu lucro líquido de
2016 a 2019. Mas fechou
19% das agências e
reduziu em 16% o
número de funcionários.



CAMPANHA CONTRA
O DESMONTE E DEMISSÕES
DO BANCO DO BRASIL

#MeuBBValeMais



FEDERAÇÕES
E SINDICATOS

BANCOS PÚBLICOS DESMONTE PRIVADO

Kleyton Morais

Começamos este ano difícil de 2021 em luta contra a entrega dos nossos bancos públicos para o setor privado. Em sua sanha privatista, o Estado brasileiro parte para o ataque. Em janeiro de 2021, “para atender aos interesses do mercado”, foram anunciados o fechamento de 361 unidades e o desligamento de 5 mil funcionários do Banco do Brasil.

A ofensiva sobre os bancos públicos, ao mesmo tempo em que montadoras como a Ford fecham suas fábricas, em tempos pandêmicos, agravados pela descoberta, em Manaus, de uma variante nacional do coronavírus, agrava o quadro de desemprego e anuncia um período de mais sacrifícios para o povo brasileiro.

Nesse contexto, a ofensiva do governo atual sobre o Banco do Brasil fere profundamente um banco público que desde a sua fundação esteve e se mantém voltado para o fortalecimento do desenvolvimento econômico, do apoio incondicional às políticas públicas de inclusão social e aos projetos nacionais ancorados na geração de empregos, na promoção do bem-estar social e na sustentabilidade.

Ao promover o desmonte do maior banco público do país, destrói-se, ao mesmo tempo, o investimento no apoio à pequena e média empresa, o incentivo à pesquisa nacional, o financiamento dos projetos sociais capazes de incluir milhares de brasileiros e brasileiras na vida econômica do país.

Dessa forma, ao invés de uma reestruturação que porventura viesse a fortalecer o Banco do Brasil no ecossistema financeiro, com a cooperação de seus funcionários e funcionárias, faz-se a opção pela dispensa de milhares de trabalhadores e trabalhadoras, não para enfraquecer os quadros da empresa, mas principalmente para tornar inviável a prestação dos serviços às populações mais pobres e vulneráveis.

O desmonte é óbvio e não afeta somente o quadro funcional de carreira do Banco do Brasil. De acordo com a Febraban, as agências bancárias brasileiras contavam com, em média, três vigilantes profissionais em 2020, alcançando um total de 60 mil em todas as agências bancárias do país.

Partindo desse princípio, o Banco do Brasil que, em setembro de 2020, tinha 4.368 agências bancárias, empregaria 13.104 vigilantes profissionais para segurança. O anúncio da reestruturação do Banco diz que serão fechadas 112 agências; então, o impacto estimado é de 1.065 trabalhadores do setor de vigilância profissional descartados. E, segundo o Dieese, também perderão os empregos 350 telefonistas e 120 trabalhadores de limpeza e manutenção.

Por fim, reiteramos a importância do reconhecimento e da valorização da função primordial do Banco do Brasil que, há mais de 200 anos atua – como banco público – no fomento do desenvolvimento nacional, da criação de emprego e renda e do fortalecimento da capacidade produtiva do país.

Um banco, portanto, essencial para o Brasil. Por essa razão, continuaremos lutando por sua existência como banco público e pela manutenção dos empregos de seus servidores e servidoras em todos os recantos do país. Longa vida ao Banco do Brasil!



Kleyton Morais
Líder Sindical. Presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília.



POPULISTA É A MÃE

Emir Sader

A influência política da Europa sobre a América Latina desqualificou fenômenos que lá tem um caráter e aqui um caráter distinto. A começar pelo nacionalismo. Na Europa, o nacionalismo é um fenômeno conservador, pelo seu caráter chovinista, segundo o qual um país é melhor que o outro. Foi atribuído ao nacionalismo a responsabilidade pelas duas guerras mundiais.

Enquanto que aqui, na América Latina – mas também na Ásia e na África, nos continentes da periferia do capitalismo – o nacionalismo tem um caráter distinto, porque tem um tom anti-imperialista. A Europa é aliada dos Estados Unidos, seu nacionalismo não tem nada de anti-imperialista. Nós nos opomos à dominação norte-americana, por isso nossos nacionalismos são anti-imperialistas.

Por isso, líderes como Getúlio, Peron, nunca foram entendidos na Europa. Seu nacionalismo levava a caracterizá-los como fascistas, como as reproduções do Mussolini por aqui. Partidos Comunistas, como o argentino e mesmo o brasileiro, chegaram, com forte raiz europeia, a assumir essa caracterização e se aliaram à direita contra esses líderes.

Esses líderes foram, ao mesmo tempo, os exemplos clássicos de líderes populistas, segundo a ciência política. A raiz do nome vem de povo e tem a ver diretamente com sua extraordinária expressão de líderes populares, que fazem políticas conforme os interesses do povo.

Para o eurocentrismo, populismo tem uma conotação sempre negativa, é quase que um palavrão. Basta qualificar um líder ou um partido como populista, para desqualificá-lo, nem se dão ao trabalho de explicar o fenômeno. Jogam no mesmo saco Getúlio, Peron, Hugo Chavez, Trump, Bolsonaro. Teriam em comum alguns traços: demagogia, manipulação do povo, irresponsabilidade fiscal – como características do populismo, todas negativas.

A desqualificação das políticas sociais desses líderes vinha do fato de que eles fariam concessões de aumentos de salários, de políticas redistributivas, provocando inflação e desequilíbrios fiscais.

Com intenção de favorecer o povo, terminaria por penalizá-lo, especialmente pela inflação e pelo desgaste do poder aquisitivo dos salários que traria. Assim como pela crise nacional que geraria

com o desequilíbrio das contas públicas, que demandaria políticas de ajuste fiscal, que recaem diretamente sobre as classes populares.

No entanto, as análises concretas permitem desmistificar esses clichês. Para o neoliberalismo, governo responsável é o que privilegia o ajuste fiscal e o equilíbrio das contas públicas, que atualmente significa o tal do teto de gastos e que recai diretamente sobre as políticas sociais e os direitos dos trabalhadores.

Os governos do Getúlio e do Peron foram os períodos de maiores conquistas para os trabalhadores, sem terem gerado crises econômicas. Ampliaram a capacidade de consumo da massa dos trabalhadores, o que impulsionou o processo de industrialização, pela ampliação do mercado interno de consumo.

Mais recentemente, os governos do PT promoveram os direitos das classes populares como não ocorria há muito tempo, com a criação de 22 milhões de empregos com carteira assinada e elevação do salário mínimo 70% acima da inflação. Tudo isso se deu sem qualquer tipo de teto de gastos e sem provocar desequilíbrio das contas públicas ou inflação.

A desqualificação do populismo, amalgamando líderes populares e da ultra direita, fazem parte do arsenal do neoliberalismo, exercido especialmente pelo eurocentrismo. Fazem desaparecer o neoliberalismo como linha divisória essencial, que distanciam radicalmente os líderes latino-americanos deste século e os da ultra direita.

É indispensável não cair nessa armadilha, desmontar seus mecanismos, resgatar os líderes populares históricos como Getúlio e Peron, colocando os líderes atuais – Chavez, Lula, Nestor e Cristina Kirchner, Alberto Fernandez, Pepe Mujica, Evo Morales, Rafael Correa – na continuidade deles no século XXI, como os adversários mais consequentes da linhagem do Trump e do Bolsonaro.

N
Q
ME
I



Emir Sader

Sociólogo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.

NÃO VI NO MUNDO
QUEM ENFRENTOU
O LHOR A PANDEMIA
DO QUE NÓS.

NEM
EU!

VERDADE!

TAMBÉM
NÃO VI!

MITO!

UAU!



Nando
Motta

Foto: Arquivo Pessoal





MADALENA SOMOS TODAS NÓS

————— Iêda Leal

A chaga do trabalho em condições análogas à escravidão permanece entre nós.

É inconcebível, mas em pleno ano de 2021 estamos aqui tendo de abordar esse tema escabroso que é o trabalho análogo ao escravo. Sim, a humanidade parece um cão insano que insiste em morder o próprio rabo.

Dia 28 de janeiro é o Dia Nacional de Combate ao Trabalho Escravo, que é a situação em que a pessoa está submetida a trabalho forçado, jornada exaustiva, servidão por dívidas e/ou condições degradantes.

A data não foi escolhida aleatoriamente. No dia 28 de janeiro, há 17 anos, ocorria a chacina de Unai (MG), quando o fazendeiro Norberto Mânica mandou matar três fiscais do Ministério do Trabalho e o motorista da equipe, durante diligência na sua fazenda para apurar denúncia de trabalho escravo.

Mandante confesso do crime e condenado a 65 anos, 7 meses e 15 dias de prisão, o fazendeiro Norberto Mânica ainda aguarda trâmites jurídicos para cumprir a pena. Além dele, outros cinco condenados estão soltos, seja esperando decisão da Justiça para executar a sentença, em liberdade domiciliar ou em regime aberto. Um dos réus morreu, outro teve a pena prescrita e apenas um dos executores dorme na prisão, mas tem autorização para sair durante o dia. Impunidade revoltante!

E o que dizer do caso de Madalena Gordiano? Mulher negra mantida 38 anos em trabalho análogo à escravidão e só resgatada em novembro de 2020. Os responsáveis por esse crime, que eram seus algozes e embolsavam sua pensão de quase R\$ 8 mil, deixando-a praticamente à míngua, Dalton Cezar, professor universitário, e sua mãe, Maria das Graças Milagres. Até agora estão em liberdade. Mais impunidade?

Mais inacreditável ainda é que tenhamos um governo omissivo pra combater tal descabro, que só não é mais doloroso porque os servidores públicos, no caso os auditores do trabalho, seguem fazendo seu trabalho mesmo sem recursos e sobrecarregados.

Em 26 anos, cerca de 5,5 mil estabelecimentos foram auditados e mais de 53 mil trabalhadores resgatados. Atualmente, cerca de 250 estabelecimentos são fiscalizados por ano, embora o orçamento anual para isso tenha despencado de R\$ 65 milhões anuais para algo em torno de R\$ 25 milhões, ou seja, um recuo de mais de 60%. Não bastasse isso, faltam funcionários: desde 2013 não é realizado concurso público e com isso existe um déficit de 1,5 mil fiscais.

Embora as fiscalizações continuem, o número de trabalhadores resgatados tem diminuído, e a pandemia da Covid 19 está escancarando as mazelas que assaltam os trabalhadores e trabalhadoras cotidianamente.

Sempre alertamos e lutamos contra a Reforma Trabalhista de 2017, que rebaixou os padrões de dignidade e decência no mundo do trabalho. Para a Comissão Pastoral da Terra (CPT), que acompanha de perto esse triste fenômeno, ela abriu as portas para o trabalho escravo, porque muitos trabalhadores aceitam o inaceitável com medo de perder o pouco que conseguiram. E ainda há o medo de denunciar e ter de pagar as custas do processo trabalhista.

Portanto, cabe a nós, sociedade civil organizada, nos mantermos vigilantes. Em que pese a publicação da lista suja dos empregadores que lançam mão do trabalho em condições análogas à escravidão e ainda o pagamento de três meses de seguro-desemprego para quem é resgatado dessa situação, é flagrante a omissão do governo federal em combater essa chaga.

A vigilância tem de ser reforçada. Depende de todos. Portanto, use o Disque 100 se deparar com situações suspeitas de trabalho escravo.



Iêda Leal - Coordenadora Nacional do MNU, Ativista Sindical SINTEGO/CNTE/CUT.



O CERRADO ANTES DE

CRISTO, MAOMÉ, COLOMBO, CABRAL E TANTOS OUTROS SOBRENOMES DE POMPAS

Altair Sales Barbosa

Dez mil anos antes de Jesus Cristo nascer, ou nove mil e quatrocentos anos antes de Maomé começar a pregar o islão pelas terras da Arábia, onze mil e quinhentos anos antes de Colombo descobrir a América e Cabral chegar até as costas do que hoje é o Brasil, o Cerrado já era ocupado pelos nossos ancestrais indígenas, que caçavam nos intermináveis campos que havia, peregrinavam pelas margens dos caudalosos rios e, nos períodos noturnos e nas estações das chuvas, se acomodavam nas cavernas e nos abrigos rochosos que ainda existem no local.

Nossos ancestrais mais antigos costumavam nos contar que os ancestrais dos seus ancestrais, muito mais velhos, diziam que nosso povo se autodenominava Andarilhos da Claridade, ou Peregrinos do Alvorecer.

Contam que quando chegaram por aqui existia muita neve nas longínquas terras do Norte. Era o fenômeno que os cientistas atuais denominam glaciação. Segundo os cálculos, referendados pelos estudos desenvolvidos nas academias, esses nossos ancestrais chegaram aqui por volta de doze mil anos, antes dos tempos atuais. Ainda, segundo a oralidade que ficou na memória dos mais antigos, o lugar era tão bonito que se assemelhava a um paraíso e, por isso, foi denominado Jardins das Plantas Tortas.

Contam também os mais velhos, que ouviram dos mais antigos, que, naquele tempo, muitas paisagens que hoje caracterizam o que denominamos continente americano, e América do Sul em particular, não existiam da forma como se nos apresentam atualmente.

A ciência hoje nos demonstra que o Planeta Terra estava vivendo o final da glaciação Pleistocênica. Havia muita turbulência, as correntes oceânicas possuíam outros limites de abrangência, que refletiam de forma decisiva nas correntes atmosféricas, que aos poucos foram modelando as paisagens continentais, distribuindo modelos climáticos pelos cantos do continente, consolidando alguns ambientes e modificando drasticamente outros. Era a aurora de uma nova época geológica, conhecida atualmente como Holoceno.

O Planeta estava se aquecendo, em relação ao Pleistoceno. As geleiras da Groenlândia despencavam em blocos sobre o mar ou provocavam imensas erosões no interior dos continentes, pelas correntes das águas derretidas. O nível do mar estava subindo e tomando lentamente as partes expostas das áreas que hoje constituem uma parcela da plataforma continental.

A lenta subida do nível das águas oceânicas trazia como uma das consequências o represamento dos



cursos d'águas interiores. Com isso, a mecânica dos rios foi mudando, transformando os cursos d'águas para menos velozes e mais largos, brindando oportunidades para a formação de planícies de inundação e lagoas laterais. A temperatura era mais baixa que os padrões atuais, e os ventos de junho e julho provocariam as friagens nos vales enfunados, um fenômeno tão forte que trazia muitas mudanças de comportamento da fauna nativa.

Por falar em fauna nativa, naquela época ainda existiam nos chapadões centrais da América do Sul os elefantes, conhecidos como *Haplomastodon*, preguiças gigantes, conhecidas como *Eremotherium*, tatus gigantes, conhecidos como *Gliptodontes* e tantos outros gigantes que compunham a megafauna da América do Sul. Perseguindo esses animais, havia um grande predador, oriundo da América do Norte, conhecido pelo nome popular de tigre-dente-de-sabre, grande felino do gênero *Smilodon*.

Ao lado desses animais uma fauna variada, de médio e pequeno porte, partilhava seus nichos e ecossistemas. Alguns desses animais conseguiram sobreviver até os dias atuais. O Cerrado, com os seus diversos ambientes, também já existia em toda sua plenitude e servia de acolhida, como uma manjedoura de palha, para toda a diversidade de fauna, desde os mamíferos até os pequenos insetos polinizadores.

Segundo as histórias contadas pelo nosso povo, no início, tratava-se de um grupo pequeno, composto de quatro a cinco famílias nucleares, tendo ao todo dezoito a vinte pessoas, incluindo crianças. Pelo que conhecemos de grupos caçadores e coletores, essa população chegou ao alvorecer, certamente veio "verediando" pelo alcantilado de alguma serra, atraída pelo aroma adocicado dos cajúis.

À época, corresponderia ao calendário atual o que deveria ser final de setembro. Quando a luminosidade do sol descortinou um longínquo horizonte, a visão de uma interminável campinarana deve ter extasiado todo o grupo. À medida que o clarear se intensificava, as gotículas de orvalho nas folhas dos capins nativos imitavam o faiscar de diamantes brutos no fundo da bateia.

O sol escalava rápido aquele céu azulado, e uma brisa temperada, tal qual um manto de algodão, cobria de calor aqueles corpos maquiados com cinzas. Enquanto o dia avançava, aquela gente pôde enxergar um pequeno córrego de águas limpas; ao longe, se descortinavam as brumas brancas de uma pequena cachoeira; bem próximo, uma lagoa, e mais distante um rio de águas correntes parecia indicar que ainda existiam caminhos.

A claridade foi-se evidenciando e, à medida que o fato se concretizava, animais de hábitos herbívoros se aglomeravam para deliciarem o gosto meio adocicado dos brotos novos das gramíneas

que surgiam como um tapete esverdeado no solo escuro, ainda chamuscado pela última queimada. Ali também estavam animais insetívoros que se banquetevavam ao redor dos cupinzeiros. Ao largo, na espreita, estavam camuflados os carnívoros, esperando um vacilo da presa predileta.

Nossos ancestrais devem ter ficado deslumbrados diante de tal abundância. Ao estenderem os olhares para mais adiante, avistaram a testa esbranquiçada de um paredão de arenito. A intuição os conduziu ao local. Ali encontraram vários abrigos naturais; nos taludes destes, sempre havia uma mina d'água. Talvez o sonho do Paraíso estivesse naquele momento se realizando. A tarde trouxe uma revoada de mariposas e tanajuras, para a festa de muitas aves.

Nossos ancestrais acamparam no abrigo, providenciaram uma fogueira, reconheceram melhor o ambiente, escolheram locais mais protegidos para as crianças e se distribuíram por locais, conforme suas conveniências. Ali permaneceram por séculos, como narram nossas histórias, hoje comprovadas pela academia. Nos campos havia abundância de caça, ora mais, ora menos concentrada, de acordo com a época do ano.

NOS RIBEIRÕES E NAS LAGOAS, HAVIA MUITOS PEIXES

Nas vastidões dos campos, cerrados e cerradões havia, em cada época específica, uma variedade de frutos comestíveis. Também existia uma profusão de abelhas nativas, sem ferrão, que recheavam as cavidades dos paredões das rochas, das árvores ou do solo, com seus deliciosos potes de mel.

Assim, esses ancestrais pioneiros tinham à sua disposição proteínas animais, vitaminas diversas, oriundas dos variados frutos, e açúcares provenientes da coleta do mel silvestre. Sua dieta ainda era complementada pela cata de ovos e consumo de alguns insetos, ou larvas destes.



Fotos: divulgação

A fertilidade da sobrevivência era complementada com espécies lenhosas para as fogueiras e com uma variedade de matéria-prima mineral, que utilizavam para fabricarem instrumentos.

Os antigos contam que o ambiente, embora apresentasse temperaturas um pouco mais baixas que os padrões atuais, não se caracterizava por excessos, nem frio nem calor muito intensos, a não ser em poucos dias do ano. As chuvas se distribuíam dentro dos parâmetros atuais.

Contam também que, quando se juntava muita gente, várias famílias procuravam outras terras, muitas não se reencontravam mais... Ficavam só lembranças. Talvez tenha sido por isso que outras línguas apareceram. Longo tempo de separação.

ASSIM ERA NO PRINCÍPIO!

Os antigos ainda contam que, depois de muito tempo, alguns dos nossos irmãos mudaram para terras arroxeadas e lá construíram ocas e plantaram, dentre outras coisas, feijão, mandioca, milho, batata doce, inhame, mangarito, taioba, abobora, e muitas outras variedades. De acordo com a história contada pelos antigos, era muita fartura, e a felicidade só aumentou entre nosso povo. Havia muitos encontros para incontáveis festas.

Até que, num determinado dia, vários homens diferentes chegaram até onde estavam esses nossos ancestrais. Contam também esses velhos que, quando chegaram, foram bem recebidos, nosso povo os acolheu com cordialidade, embora não entendesse por que alguns de pele escura estivessem amarrados e de vez em quando eram chicoteados.

Contam que o tempo foi passando e aqueles homens estranhos se viraram ferozmente contra o nosso povo. Pilharam as roças, violentaram as mulheres, nossos irmãos foram morrendo de doenças desconhecidas, muitos foram amarrados em cangas de aroeira. Os que tiveram sorte fugiram para locais distantes e isolados.

Os nossos ancestrais mais antigos ainda dizem que ouviram de seus ancestrais que esses homens estranhos levaram muitos dos nossos irmãos, mas que não sabem para que lugar.

Ainda contam que ouviram dizer que sempre chegavam mais homens estranhos, primeiro escavavam os rios, depois trouxeram animais estranhos que viviam em cercados, depois construíram igrejas para um novo tipo de deus, construíram arraiais, que foram virando cidades, cada vez mais ricas, com comércios e gentes que eram conhecidas por vários sobrenomes, alguns desses eram pomposos, viviam nas riquezas e parece que tinham mais poderes que outros. Não entendemos muito disso, mas dizem que era assim...

Hoje nossos irmãos vivem em reservas, e outros peregrinam sem rumo nos recônditos mais escondidos desta terra. Os descendentes daqueles homens estranhos construíram seus mundos onde eram as nossas terras e ainda são valorizados de acordo com seus pomposos sobrenomes.



Altair Sales Barbosa - Pesquisador do CNPq. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Pesquisador convidado da Uni Evangélica - Anápolis. Membro do Instituto Cultural e Educativo Bernardo Elis.



A NOITE KUNA

Eduardo Galeano

O governo do Panamá havia ordenado, por lei, a redução à vida civilizada das tribos bárbaras, semibárbaras e selvagens que existem no país.

E seu porta-voz havia anunciado:

- As índias kuna nunca mais pintarão o nariz, mas sim as faces, e já não usarão argolas no nariz, mas sim nas orelhas. E já não vestirão molas, mas sim vestidos civilizados.

E elas e eles foram proibidos de sua religião e de suas cerimônias, que ofendiam a Deus, e de sua tradicional mania de se governar ao seu modo e maneira.

Em 1925, na noite do dia 25 do mês das iguanas, os kuna passaram à faca todos os policiais que os proibiam de viver sua vida.

Desde então, as mulheres kuna continuam usando argolas nos narizes pintados e continuam vestindo suas molas, esplêndida arte de uma pintura que usa agulha e linha em vez de pincel.

E elas e eles continuam celebrando suas cerimônias e suas assembleias, nas duas mil ilhas onde defendem, por bem ou por mal, seu reino compartilhado.



Eduardo Galeano - Escritor.
Em *O Filhos dos Dias*. Editora L&PM, 2ª edição. 2012.



XAPURI

UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA.

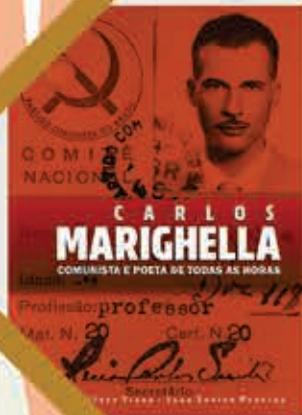
UM COMPROMISSO COM A SOLIDARIEDADE.



**A cada compra sua, você fortalece a luta
do Comitê Chico Mendes, no Acre;
do povo Krenak, em Minas Gerais;
do Museu Kalunga Iaiá Procópio, em Goiás;
e do povo Xavante, no Mato Grosso.**



CAMISETAS
MÁSCARAS
REVISTAS
E-BOOKS
LIVROS



<https://lojaxapuri.info/>



TOCA VÓ QUIRINA:

ESPAÇO ABERTO PARA A PRODUÇÃO AGROFLORESTAL NO CERRADO

Vanderlei Luiz Weber e Sinvaline Ribeiro



De como um sítio pequeno passou a aproveitar seu espaço para a produção comungada de várias espécies e virou espaço de pesquisas e vivências

Dia desses, pelos idos do mês de junho de 2020, voltando das margens do rio Passa Três, em Uruaçu, indo em direção à casinha simples e aconchegante da toca Vó Quirina, conversando com a Sinvaline sobre o espaço no entorno, desmatado antes da sua chegada, nos deparamos com a necessidade de dar vida àquela área, coberta apenas por um capinzal.

Naquele dia, seu Jorge, um vizinho muito solícito em atender as necessidades alheias, se encontrava roçando a área que, segundo a moradora, deveria receber fogo em seguida para que o capim não mais crescesse naquele local. Então, virei pra Sinvaline e lhe disse que, se abrisse mão da queimada, a ajudaria a executar um projeto que iria cuidar de produzir comida para pessoas e animais.

Nascia assim a ideia da produção de alimentos pelo Sistema Agroflorestal, em pleno cerrado uruaçuense.

Depois de um período de conversas, visitas e vivências em espaços de experiências agroflorestais em fazendas e ecovilas pelo estado de Goiás e após organizarmos o material inicialmente necessário para este modelo de produção, decidiu-se executar a primeira etapa do projeto agroflorestal na toca Vó Quirina. O início da execução foi no dia 2 de outubro do ano de 2020.

O projeto, para além da produção que imita a floresta, pretende aos poucos ir se tornando um espaço de vivências para contato com diferentes espécies frutíferas e medicinais do Cerrado, diversidade de alimentos orgânicos, banhos de rio, oficinas de artesanato, utilização e reaproveitamento de produtos do Cerrado, gastronomia tradicional, com a finalidade de ser local de integração das pessoas com a natureza e da formação de uma consciência ambiental respeitadora dos diferentes ecossistemas.

Nessa toada, ao menos cinco etapas de execução já foram realizadas. Etapas essas que contaram com atividades como preparo do solo, abertura e adubação das covas e plantio de mudas frutíferas, tubérculos, leguminosas, hortaliças e plantas medicinais, todas de espécies diversas, na forma de consórcio. Além da constante cobertura orgânica do solo com folhas, pastagem roçada, bagaço de cana e madeiras.

Os desafios deste projeto social, pelo fato de ser o início da experiência, estão se manifestando com certa insistência. Parte deles relacionados ao solo pedregoso, que gera dificuldades de manejo, e às pragas, como as formigas e os cupins que, com sua atividade predatória, atrasam o processo de produção, especialmente das verduras e das frutíferas.

Outros desafios ainda estão por vir, como o de organizar os coagricultores do programa Comunidade

que Sustenta a Agricultura (CSA), sua participação por meio dos mutirões e do pagamento de cotas, além do desafio de garantir que os alimentos todos sejam aproveitados de alguma forma, sem que se percam.

No sábado, dia 23/01/21, foi dia de vivência, colheita e partilha. Começou às 8h30, com café da manhã da roça, seguido da observação dos espaços da Toca e de contato com as técnicas de plantio no sistema de agrofloresta, para identificar possibilidade de projetos e organização de outros encontros. No encerramento, foi servido um almoço caipira, com utilização de muitos ingredientes já colhidos na Toca.

De volta para casa, nossos convidados levaram os produtos que colhemos e a cabeça cheia de verdejantes esperanças de que é possível transformar a cinza em árvores, flores, frutos. Só precisamos de nos dedicar, cuidar, encontrar boas parcerias, e teremos o delicioso prazer de colher o que plantamos com nossas mãos.

E colhemos até poesia por Sinvaline Pinheiro:

À sombra da bananeira

Manhã de sol escaldante, sem vento e recados...

Plantas inclinam o caule pedindo água...

Apresso os gestos para segurar a mangueira, toda a plantação tem muita sede.

Minutos, horas, e a água vai entranhando na terra, consigo assimilar alguns agradecimentos...

Após horas debaixo do sol, respiro aliviada com um frescor celestial...

Surpresa, vejo que estou à sombra de uma bananeira muito verde e sagaz...

O cansaço some e nasce um sorriso...

Em menos de um semestre a terra ergueu os caules, produziu frutos, flores e fungos...

À sombra da bananeira a esperança revive, os sonhos crescem e o desejo de ser, viver e sobretudo amar...



Sinvaline Pinheiro - Educadora ambiental. Escritora. Defensora das comunidades tradicionais. Tem quatro livros publicados, sendo 3 de causos e um de poesias. De Uruaçu - Goiás.



Vanderlei Luiz Weber - Professor de Direito Ambiental e Agrofloresteiro. Goianésia - Goiás.



ROUBARAM AS TERRAS ÍNDIAS

D. Pedro Casaldáliga

Roubaram as terras índias
E batizam as fazendas
Com nomes índios ausentes.

Aritana, onde estás?

Debaixo da terra os mortos
pedem os cantos da tribo...
E só respondem os bois
calçando a paz invadida.

Aqui onde a mata um dia
erguera seus arcos verdes,
se alastra o capim exangue.

O sol, que foi testemunha,
se vinga no chão despido.

E pela estrada invasora
a seriema costura
uma lembrança impotente.



Pedro Casaldáliga (1928–2020) – Poeta. Bispo católico espanhol, expoente da Teologia da Libertação, radicado no Brasil desde 1968 até sua morte. Lutou contra “todas as cercas”. Em: *As Águas do Tempo*, Ed. Amazônica, Cuiabá, 1989.



Foto: divulgação

BAIÃO-DE-DOIS

— Rachel de Queiroz

O baião de dois – traduzindo: arroz com feijão – é um dos pratos tradicionais da cozinha nordestina. Claro que não é a simples mistura do feijão cozido com arroz cozido.

Tem preparo específico, o feijão com seu próprio tempero e determinado ponto de cocção recebendo o arroz, que cozinha naquele caldo de feijão enriquecido.

Existem várias maneiras de fazer o baião-de-dois, mas essa é a que usamos no Não Me Deixes:

Para duas partes de feijão (de preferência feijão-de-corda maduro), uma parte de arroz.

Cozinha-se o feijão com os temperos: toucinho, carne-de-sol, charque e um refogado de cebola e alho feito em azeite doce.

Quando o feijão estiver cozido, põe-se o arroz e deixa-se em fogo brando. Acrescenta-se cheiro verde (coentro e cebolinha) e, pouco antes de tirar do fogo, enfiam-se pedaços de queijo (como palitos) até que derretam.

Não se esquecer, quando o baião estiver pronto, de jogar por cima uma boa porção de torresmo.



Rachel de Queiroz – Escritora, em *O Não Me Deixes – Suas Histórias e Sua Cozinha*, Editora Siciliano, 2000.



COM CUPIM E COM AFETO

Elson Martins

Em maio passei maus momentos no Hospital Santa Juliana, de Rio Branco, internado numa enfermagem com broncopneumonia.

Fiquei pendurado num frasco de soro durante uma semana, durante a qual foram injetados antibióticos e outros remédios numa veia do braço direito. Apesar do atendimento médico correto, ao receber alta saí cambaleando, sem força e sem apetite; e demorei mais de 15 dias para me sentir vivo novamente.

A ressurreição completa só aconteceu com a ajuda de um lambedor de “cupim vivo”, receita acreana contra pneumonia que eu desconhecia. Do cupim, o que sabia até então é que destrói livros, fotografias e filmes de celulose com assustadora eficácia. Há três décadas, pelo menos, sofro com seus ataques ao acervo que cultivo desde 1975 sobre os conflitos socioambientais do Acre.

Por um acaso feliz, no local onde trabalho tem uma jovem jornalista que se preocupou com minha saúde. E por outro acaso, também feliz, ela tem uma avó que me ofereceu o lambedor milagroso. Elas se tornaram minhas amigas salvadoras.

Márcia, a neta, tem 22 anos; a vó, Maria de Nazaré Moreira Nunes, Bia para os íntimos, tem 64. Em comum, possuem olhos asiáticos, são afáveis e valorizam as tradições provindas da floresta. Domingo passado nos encontramos num almoço patrocinado pela Andrea Zilio, secretária de comunicação [no governo Tião Viana], e mantivemos uma conversa sobre cupins. Bia não se fez de rogada para ensinar a preparar o lambedor:

- É simples: basta ferver por meia hora, com água, um bom pedaço da casa do cupim com os insetos dentro, vivos. Em seguida, coar a mistura em pano leve (morim); e no líquido coado, adicionar meio quilo de açúcar voltando a ferver até o ponto de mel grosso. Pronto: toma-se três colheres das pequenas (de chá) ao dia.

Bia descende de família tradicional de Sena Madureira, município onde nasceu e permaneceu até os 18 anos. O pai, Raimundo Moreira Cavalcante, morou em vários seringais dos rios Caetés e Iaco; já a mãe, cujo nome Porcina lembra personagem de novela, admirava as habilidades do marido e repassava aos filhos parte do seu conhecimento.

“Meu pai gostava muito do mato, conhecia tudo quanto era planta e raízes; foi seringalista, mateiro e curandeiro” – informa Bia.

Ao se transferir para Rio Branco, Bia fez curso de enfermagem e passou a trabalhar na Fundação Hospitalar do Estado, onde ficou 30 anos como auxiliar de operações cirúrgicas até se aposentar.

Na relação entre Márcia e a avó transparece a existência de algo excepcional na história dessa família: a diferença de quase meio século na

idade das duas, por exemplo, não as impediu de olhar na mesma direção com solidariedade e afeto. Bia, aliás, vê a neta como “um presente que Deus me deu”!

Dúvida – Bia não explicou, mas presumo que na segunda fervura do lambedor colocou alguma pitada do cupim vivo! Digo isso porque percebi, de um dia para o outro, no copo de plástico com a porção recebida, a presença de alguns bichinhos se arrastando pelas paredes internas. Claro que fiquei intrigado: como sobreviveram a tanta fervura? Não sei, mas isso me convenceu de que os cupins possuem alguma propriedade resistente e medicamentosa.

Ao vê-los misturados ao mel, num esperneio sobrenatural, apelei para a abstração para não os repugnar. Primeiro, porque o risco maior era a pneumonia. Mas tinha também algum sentimento de vingança: afinal, eles não estavam comendo meu acervo? Pois agora eu...

Brincadeira à parte, o que vale mesmo é valorizar os remédios advindos de uma vivência secular na floresta.

No caso, um produto da tradição acreana que precisa ser explicado pela ciência. Nos dias atuais, 80% da população do mundo utiliza produtos que se originam de plantas medicinais como tratamento e prevenção de doenças.

Cerca de 25 mil espécies são usadas por tribos indígenas e comunidades amazônicas. Mas a ciência conhece menos de 1%, ainda, da riqueza que existe na natureza.

Meu pai, como o pai da Bia, viveu meio século nas matas do rio Iaco, e também conhecia lambedores e unguentos com os quais socorria os filhos na hora das doenças graves do seringal.

Lembro que em noite de lua cheia ele colocava no quintal, ainda cedo, uma bacia de gomos de cana-caiana descascados, e nos acordava à meia-noite para chupá-los. Era remédio contra a Coqueluche.

Na cozinha, junto ao pote de água de beber, tinha um copo de osso aproveitado do gogó do Capelão (o maior macaco da Amazônia), pra gente usar sem cerimônia contra a tosse de um modo geral.

Valeu, Bia e Márcia! Estou alardeando a história do lambedor na esperança de que mais pessoas se sintam estimuladas a falar de suas ricas experiências de vida nas entranhas da floresta.



Elson Martins - Jornalista. Matéria publicada em seu blog www.almanacre.com.br, no ano de 2015.

MOBILIZAR A SOCIEDADE PARA RESISTIR À DEVASTAÇÃO DO BRASIL

Cleiton dos Santo



Se não houver resistência rápida e pra valer, a agenda de prioridades para votação no Congresso Nacional negociada pelo governo Bolsonaro com o Direitão (o verdadeiro nome do "Centrão") vai acelerar a destruição do Brasil e a queima do patrimônio do povo brasileiro. O desmonte será em todos os setores: na saúde, na economia, no meio ambiente, na educação, na soberania nacional, nas políticas públicas, na democracia.

O primeiro dos 35 projetos que o governo impôs como prioritários já foi aprovado neste 10 de fevereiro: a autonomia do Banco Central, uma exigência do mercado financeiro. Significa que a partir de agora será o Banco Central (conhecido como sindicato dos bancos), e não o governo eleito pelo povo, que regulará o sistema financeiro, com direito a definir taxa de inflação e política fiscal.

Além de não ser um projeto prioritário (porque tramitava no Congresso havia 30 anos), dá aos bancos privados o comando direto da economia. Bancos que também estão sendo atendidos pelo governo com o desmonte do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal – apesar da forte resistência dos bancários e do movimento sindical.

E o tema mais urgente e prioritário de todos é ignorado pelo acordo Bolsonaro/Centrão. Não há nenhum plano nacional de vacinação contra a Covid-19 em programa de ajuda emergencial para barrar a política genocida que já deixou quase 240 mil mortos por Covid e dezenas de milhões de trabalhadores no completo desamparo.

A pauta obscurantista e anticivilizatória de Bolsonaro prosseguirá célere no Congresso se não houver mobilização urgente da sociedade.

Estão na lista de votação vários projetos que vão agravar a devastação da Amazônia e a degradação do meio ambiente. Entre eles estão a liberação da mineração nas terras indígenas, a oficialização da ocupação predatória e ilegal de terras e alterações nas leis que tratam do licenciamento ambiental e das concessões florestais.

Estão também na agenda genocida e antissobrana da aliança Bolsonaro/Centrão a privatização da Eletrobrás, a ampliação da facilidade de posse e uso de armas, o excludente de ilicitude (eufemismo para o direito de a polícia matar à vontade sem prestar contas) e partilha de petróleo e gás.

Cada tema pode interessar apenas a setores da população, mas o conjunto deles forma um projeto amplo e claro de destruição do país, da soberania nacional e da democracia. Diz respeito, portanto, a toda a sociedade brasileira.

Não dá pra esperar 2022. Se esse projeto não for barrado, quando chegar a eleição presidencial já não teremos mais um país que um dia sonhou ser. Combater e pôr fim ao programa genocida de Bolsonaro é uma tarefa urgente de todos.



Cleiton dos Santos – Presidente da Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN)





ECOTURISMO

GENTE FORMOSA: SAULO, UM VIAGEIRO EM DUAS RODAS

————— Iêda Vilas-Bôas



– *Conhecer o mundo é meu sonho e destino!*

É assim que começa minha conversa com Saulo Corrêa Dos Santos, formosente, nosso ciclista maior, não por ganhar prêmios, mas por percorrer grande parte do mundo sobre sua bicicleta, levando por onde vai e chega uma valorosa mensagem de educação ambiental, de amor ao ser humano e respeito com tudo que o cerca.

Saulo decidiu sair pedalando por influência de um filme que assistiu, quando ainda criança. Destaque para sua fala, que traduz sua filosofia de vida:

– *Sobre duas rodas vou colecionando minhas histórias e compartilhando o que vejo e aprendo. É de bicicleta que vou descobrindo o mundo.*

O corajoso rapaz sai em pedaladas, muitas vezes sem patrocínio, mas nada o desmotiva a rodar. Segue sem carro, sem poluir o meio ambiente e com muita emoção. Saulo prefere viver desse jeito livre porque diz que no final da vida só levará com ele valores, virtudes e sabedoria, mais nada.

Esse desapego demonstra sua evolução espiritual. Pedalar lhe dá a sensação de ser um balão ao vento: “Sinto o ar e o fogo me fazendo em chama e voo”.

O viajante consegue pelo caminho feito com pedaladas acompanhar as mudanças das cidades e do mundo e vai fazendo suas considerações:

– Aprendi pedalando, sobretudo, a dominar meus demônios maiores e meu ego.

Saulo admira a filosofia japonesa e procura seguir seus ensinamentos: *kaizen* – uma melhoria contínua: o hoje melhor que ontem, o amanhã melhor que hoje.

O jovem Saulo dá sempre o seu melhor em todos os projetos que abraça e espera sempre muito dele próprio. Em seu coração só tem espaço para as coisas leves da vida. Ele ama conhecer pessoas comuns, filósofos. Saiu para aprender e tem aprendido muito.

Aprendeu sobre as gentes, suas culturas, seus saberes, sobre a relação das pessoas com o meio ambiente, com a natureza. Aprende e também ensina o que aprendeu com as valorosas pessoas que encontra pelo caminho. O lema de Saulo é: *Eu faço minhas escolhas e elas fazem o meu caminho.*

Na sua bagagem vai somente o necessário. Sempre descarta o peso extra deixando a carga mais simples, mais leve. Dessa forma a vida fica mais simples, e a simplicidade, para ele, é sinônimo de felicidade, de uma vida mais próxima da natureza, de uma alimentação mais saudável, de maior contato com a terra, com o chão, com a vida em si.

O viajante formosense aprendeu e constatou que machucamos a natureza e estamos sem imunidade. Sente necessidade de fazer seu papel no mundo ajudando no equilíbrio entre o ser humano, a natureza e o desenvolvimento sustentável.

O ciclista escolhe um norte e vai pedalando. Faz do seu norte sua meta, seu objetivo e sua estratégia. Assim, por onde passa, leva o melhor que pode

apreender nas ideias e conversas trocadas e também deixa seu rastro. Observa, em especial, o bicho-gente, que é um campo enorme de pesquisa.

Outra coisa que Saulo gosta de observar são as construções. Acha lindo o casario e repara bem nos detalhes. Lamenta que o mundo corrido e moderno esteja relativizando as obras. Tudo quadrado, plano. E a beleza arquitetônica? E o valor da arte? Esse é um ponto para reflexão:

Hoje a arquitetura perdeu a alma. Os pequenos detalhes tornam os ambientes mais belos. A beleza está no mínimo. Precisamos dar vida ao que nos rodeia. Eu vi casas simples de madeira com um jardim lindo. A complexidade presente nesta engenharia da vida me deixa maravilhado e perplexo.

Riqueza, para mim, é poder viver estas experiências. Precisamos cuidar e respeitar tudo que temos, os animais, as plantas, as construções. A beleza nos convida a despertar a nossa beleza interna.

As lindezas que vejo vão se internalizando em mim e me transformam em uma pessoa melhor, mais integrada, mais amável e mais feliz. A sociedade é um espelho onde me reconheço. Vivo e sinto um constante espaço de renovação interior.

O Saulo pretende conseguir realizar seus projetos pessoais: é músico e compositor e suas ideias e observações estão se transformando em um livro que já tem nome: *Dois procurando um*. Para explicar o título de seu livro, o viajante me disse:

Vivemos num mundo dual com altos e baixos, aativos e declives, vazios e cheios, quente e frio... Sempre temos dois lados e vamos buscando a unidade. As partes compõem o todo que se torna uno. No todo cabe tudo. Aí, destaco o respeito às diferenças. A estrada é comprida e grande e eu sigo certo de que após cada meta atingida, assumo outro propósito e vou firme na certeza de vencer. Melhorando continuamente.

Ele pretende voltar para Formosa-Goiás. Entende que não pode guardar essa rica experiência para si. Quer contribuir com sua cidade, quer plantar, distribuir seu conhecimento adquirido em vários países, de diversas culturas. Traz as mãos cheias de sementes. Essa volta também será uma estrada de (re)conhecimento.

Este é o viajante formosense que vai pedalando e circulando energias: rodando a roda do viver. Sem pressa – uma pedalada depois da outra, saboreando cada detalhe de sua viagem.



Iêda Vilas-Bôas –
Escritora.

AS DORES DO MUNDO NO BAIRRO DE APARECIDA

José Ribamar Bessa Freire



Sandra Felipe



Maria Palmira



É com grande pesar que comunicamos o falecimento da Sr.ª. Raimunda Mesquita de Souza, moradora do Bairro de Aparecida



Nancy Teixeira



Agenor Lima



Carlos Fabrício



Arnaldo de Melo Marques



Maronilson



Francisco Abner (Lê)

Imagem: TcQuiPrTI.

“Versos... não. Poesia... não. Um modo diferente de contar velhas histórias.”

Cora Coralina. Poemas dos Becos de Goiás e histórias mais. 1965.

No mundo são mais de 2 milhões de mortos pelo Covid-19. Entre eles, pelo menos 35 moradores do bairro de Aparecida que “está sendo devastado”, nas palavras da antenada Edna Morrissey, 80 anos, que lá viveu antes de se radicar em Miami.

No Brasil foram registrados mais de 222 mil óbitos, incluindo aqueles ocorridos nas quinze ruas e treze becos do antigo bairro dos Tocos.

No Amazonas, cujo sistema de saúde entrou em colapso, já são quase 8 mil mortos, alguns asfixiados por falta de oxigênio, no meio deles o músico Arnaldo Marques, morador da rua Alexandre Amorim.

Em Manaus, segundo o gen. Ridauto Fernandes, assessor do Ministério da Saúde, 320 pacientes já foram transferidos para outros estados, mas 612 aguardam na fila e podem “morrer na rua”. Quantos deles nas ruas e becos do bairro de Aparecida?

– “A única solução é a transferência de 1.500 pacientes das unidades de saúde do estado para outros estados. [...] Não vou montar 1.500 leitos de UTI

nunca em Manaus” – declarou o titular do Ministério da Saúde, gen. Eduardo Pazzuelo, o sargento Pincel, que não consegue justificar sua omissão e quando abre a boca só fala bobagens cloroquinadas.

Quem são os responsáveis pela ausência de uma política de saúde que poderia ter evitado tantas mortes? Em um país sério, os consumidores de leite condensado, de alfafa e de chiclete que custaram milhões aos cofres públicos, em plena pandemia, seriam responsabilizados e punidos. Presidente da República, ministro, governador do Amazonas e prefeito de Manaus, mesmo que façam um cambalacho e se aliem com o lado podre e corrupto do país para evitar o *impeachment*, não poderão fugir do julgamento da História.

Os números assustadores de óbitos no mundo e no Brasil não dão conta de tanto sofrimento. As estatísticas são frias. É possível, no entanto, avaliar a dor planetária, nacional e local através daquelas mortes mais próximas de familiares, amigos, colegas

de trabalho, alunos, vizinhos e conhecidos. A vacina conquistada depois do embate com os negacionistas e terraplanistas é um fiapo de esperança. Cerca de 31 mil pessoas já foram imunizadas no Amazonas e no bairro, entre outros, Glória Nogueira, 90 anos, Damiana, a Dadá, de 85 anos e Mundica, moradoras do Beco da Indústria. Ufa!

E é para lá que vamos, abrindo as gavetas de lembranças dobradas e amassadas, sempre em busca da infância sustentando a memória, que nos dá força para resistir. Um dos mortos levado há poucas semanas pelo Covid é Francisco Abner, o Lê, filho da dona Teresa e do seu João. Sua prima Astrid Lima, que há muitos anos vive na Itália, mas deixou o coração no bairro de Aparecida, encontrou entre seus papéis um texto antigo que escreveu e que acaba de me enviar. Reproduzo aqui a costura poética feita por ela das recordações que permanecem vivas: lugares, gente, acontecimentos, situações.

UMA LOUCURA

“As ruas de pedra crua, o joelho sempre ferido, o primeiro beijo, o seu Ceguinho, a Carmem Doida, o padre Marcos, o português Fernando que nós tínhamos certeza não se afastava nunca do seu bar, o medo do Cônego Azevedo antes da reforma do Grupo Escolar onde, era voz corrente, havia um esqueleto além dos seus muros escuros (muralhas, para nós crianças).

“As corridas com os cachorros nos nossos calcanhares, os banhos de chuva embaixo das calhas - cachoeiras de detritos - o último andar do colégio Aparecida, que - se dizia - havia sido permanentemente fechado depois que o elevador despencara matando dois estudantes (poucos ousaram ultrapassar as portas trancadas, desafiando as escadas em ruínas que davam na antiga biblioteca), os papagaios enrolados nos fios, a goiabeira de galhos lisos atrás de casa.

“As famílias do bairro, as brigas memoráveis, os pequenos empurrões entre amigas, o rio, as corridas até a boia no meio da água, os arraiais na Igreja, a primeira comunhão e o medo de cometer pecado entre a primeira confissão e a hóstia consagrada no dia seguinte, a totale absoluta ausência de roubos, a quadra esportiva, as passagens secretas até a Luiz Antony, as velhas casas estreitas, minúsculas, da Bandeira Branca, as enchentes que lambiam as cozinhas com os quintais de rios na Gustavo Sampaio, o seu Aury, que consertava tudo, a dona Pequena fumando cachimbo na cadeira de balanço. Ah, as cadeiras de balanço! Todas as cores: amarelas, verdes, azuis, enfeitando as portas; o seu Osmar e a sua ternura africana.

“Não sei o que existe naquele lugar que nos torna ligados a ele desse modo indissolúvel, não sei o que é capaz de marcar a memória com esse fogo perene, não tenho um nome para explicar o que, desse bairro – pedaço de terra, quase lama de rio – permanece



Foto: divulgação

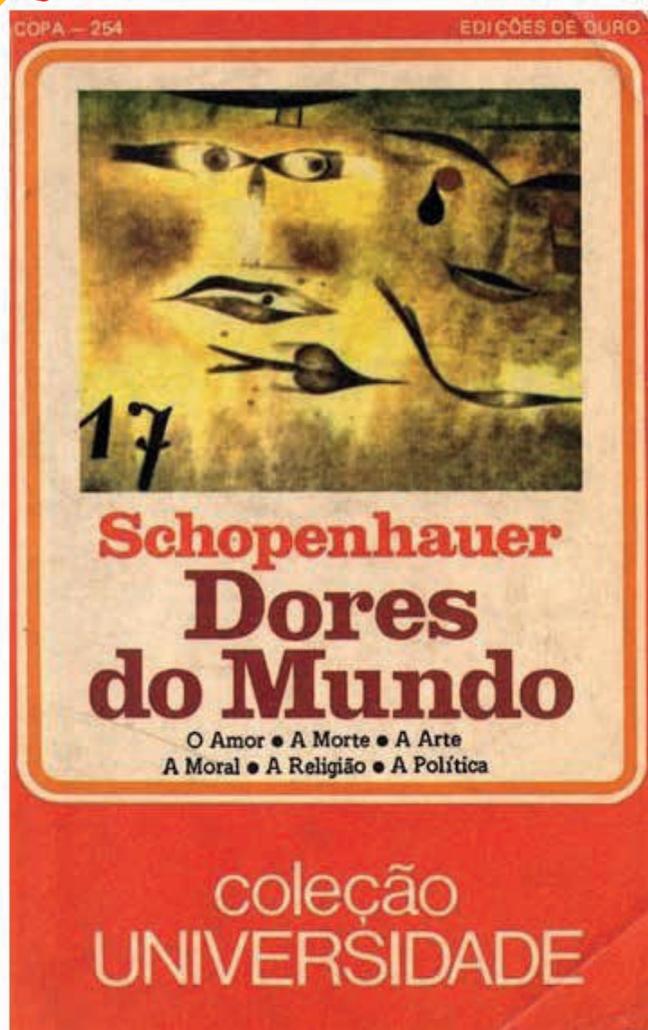
em silêncio no lugar mais remoto da nossa alma e que retorna toda vez que perdemos a estrada, que erramos o caminho, que nos sentimos solitários e vencidos. Retorna, nos sussurra um nome, nos recorda um aniversário.

“Aparecida. Aquele lugar nos forja em continuação. Vamos morrer pela mesma causa e, espero, com um meio sorriso nos lábios lembrando do Rubem Rola nos dando uma piscadinha cúmplice. A Aparecida não é uma doença, é a nossa loucura.”

MORRER DE APARECIDA

O texto de Astrid dialoga com *Morrer de Aparecida*, que escrevi aqui no *Diário do Amazonas*, em 2008. Lá situávamos esse pequeno bairro tradicional de Manaus, próximo ao centro, derramando charme por suas quinze ruas e treze becos. Suas fronteiras estão bem delimitadas. No Sul, o igarapé de São Vicente, o famoso bosteiro, que desagua na baía do rio Negro.

Ao Norte, a Matinha, refúgio dos nossos adorados “rivais”. O Oeste, na verdade o faroeste, é território “inimigo” dos bucheiros de São Raimundo. A porta



POESIA NOS BECOS

Nos "Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais", Cora Coralina faz uma declaração de amor à paisagem triste, ausente e cheia de fragmentos dos becos suspeitos de Goiás. Lá, como aqui, eles são espaços de lazer, de festa, de fofoca, de briga, do jogo de dominó e das histórias de mil e um becos:

- "Versos... não. Poesia... não. Um modo diferente de contar velhas histórias".

São essas velhas histórias que nos matam de Aparecida e, como uma urdidura, nos prendem em sua teia para sempre. Elas nos dão a dimensão da perda sofrida pelo planeta, porque imaginamos que detrás de cada uma delas, no mundo e no Brasil, existem bairros, onde pulsa a vida e residem pessoas queridas, cujas partidas - muitas delas - poderiam ter sido evitadas.

Essa dor que nos aniquila é tema de *Dores do Mundo*, de Schopenhauer, que li aos 17 anos, emprestado pelo tio Dantas, com uma advertência: "É muito bom, mas pessimista demais". Escrito no final do séc. XIX, em linguagem clara, o autor interpela o amor, a morte, a arte, a moral, a religião, a política, o homem e a sociedade.

A dor - ele escreve - é a regra da vida num mundo que é lugar de penitência. Mas Schopenhauer abre uma janela de esperança: embora a vida não seja nada encantadora, a representação dela, através da arte, especialmente da música, nos ilumina e nos redime. Ainda bem. A arte é a vacina da vida. Nunca pensei que a leitura de um filósofo alemão do séc. XIX, feita num beco de Aparecida no séc. XX, pudesse dar sentidos à tragédia que vivemos no séc. XXI.

para a modernidade e para o mundo é o Leste: Teatro Amazonas, Av. Eduardo Ribeiro, Mercado.

Os becos, de nomes sugestivos como Chora-Vintém, Pau-Não-Cessa, Saco-do-Alferes, onde o antigo bairro dos Tocos se escondia, foram cantados no romanceiro suburbano pelo nosso poeta maior, Luiz Bacellar, tocando sua *frauta de barro*:

"Há tanta angústia antiga em cada prédio! Em cada pedra - nua e gasta".

Bacellar, doente crônico de Aparecida, só não morreu dessa enfermidade, porque se vacinou de poesia e virou imortal. O olhar amoroso do poeta percorre as casas velhas do bairro, os buracos nos soalhos, os beirais rebentados, as calhas entulhadas pelas folhas fermentadas das mangueiras, os alpendres corroídos, as cumeeiras caídas, as goteiras nos telhados, as fisionomias alquebradas e recolheu para nós *"as rugas tristonhas das janelas dolorosas, dos batentes desbeijados, das velhas portas cambadas de gonzos desengonçados!"*.

Os becos do bairro - em alguns dos quais não entram carros - são sobras, restos do espaço urbano, transformado em lugar de residências, cujas fachadas receberam uma injeção de botox. Seus nomes mudaram, porque as funções pós-modernas são outras.

P.S. - Agradecemos à Regina Cabral Freire e ao Wander dos Reis, presidente da Associação do Bairro de Aparecida, o envio da lista daqueles que nos deram adeus: Maronilson Ribeiro, Jorge de Lima Pereira, Raimundo Nonato (Moni), Francisco Abner (Lê), André Vital de Moura Burity, Nancy Teixeira, Rossini Carvalho Tavares, Raimunda Mesquita de Souza, Palmira Ferreira Pinto, Valcira Maria Ibanês (mãe do Raul), Agenor Lima, Carlos Fabricio Teixeira, Raimunda Andreina da Conceição Matos, Mario Oscar Serrão, Maria Aparecida Colares Barbosa (esposa do Mazito), Sandra Silva Felipe (prima da Sandra Mangabeira), Padre Walter (redentorista), Luis Carlos Bandeira (Gandhi), Amazonilda Gama, João Gama, Maria Margarida Holanda Lemos, Cleomar Tavares, Raimundo da Paes Matos, Arnaldo Batalha, Maria Lindernira Lopes Carneiro, Ivanete Monteiro da Silva (Casinha da Saúde); Rui das Graças Craveiro Pinto; Itiel Batista Rodrigues; João Sidney de Castro, Jair Ferreira Rodrigues (marido da finada Glorinha Angelim), Marcio Tenório (Baco), Ana Milério, Arnaldo Marques, José do Nascimento.



José Ribamar Bessa Freire - Professor Universitário. Escritor. Crônica publicada em seu blog www.taquiprati.com.br



Foto: divulgação

E SE A TERRA SE LIVRAR DA ESPÉCIE HUMANA, COMO FICA?

 Leonardo Boff

Ocorre que nos últimos tempos fomos surpreendidos por um fato inédito e alarmante: sentimos concretamente os limites da Terra. Ela, como todos os seres vivos e sadios, pode ficar doente. Mesmo assim, ela goza de grande capacidade de suporte. Mas há fronteiras que não podem ser ultrapassadas, e nós as ultrapassamos.

Aí vimos as feridas que lhe foram inoculadas pela espécie humana. Isso é mostrado de muitas formas, especialmente pelas mudanças climáticas e por transformações que podem ser constatadas por todos. Mas a maioria não vê a conexão existente entre essas transformações (tsunamis, furacões, enchentes, estiagens prolongadas etc.) e o aquecimento global. Pensa que uma coisa não tem nada a ver com as outras e, assim, cria uma sociedade de cegos, como no romance de José Saramago, que sem perceber se aproxima de um abismo.

Se não reduzirmos os gases de efeito estufa, que provocam o aquecimento e danificam toda a biosfera,

poderemos conhecer fenômenos de destruição em massa, como ocorreu em antigas eras. Se atingirmos, ainda neste século, um acréscimo de 5-6 graus Celsius, grande parte do capital biótico da Terra pode até desaparecer, como na era do Cambriano, há 570 milhões de anos, quando 80-90% das espécies vivas simplesmente foram dizimadas para sempre.

Queremos isso para nós? Estamos construindo as condições que podem nos levar fatalmente a um fim trágico. Nunca na história humana aconteceu algo semelhante. Efetivamente podemos desaparecer. Diria mais, fizemos tantas e boas contra Gaia que, de repente, ela pode decidir não nos querer mais na sua face.



Leonardo Boff - Ecoteólogo. Escritor. Em *A Grande Transformação* - Na economia, na política e na ecologia. Editora Vozes, 2014

**GDF, a educação exige
vacina para todos!**



A campanha “Educação exige vacina para todos”, idealizada pelo Sinpro-DF, cobra do governo responsabilidade e respeito com a vida da população, gravemente ameaçada pela Covid-19. Ela vem sendo divulgada em outdoors de todo o Distrito Federal e em caminhões que circulam pelas cidades. O público vem reagindo à iniciativa positivamente, já que a angústia e

o medo trazidos pela pandemia do novo coronavírus estão extrapolando o limite da população.

Também amplia o projeto *Vacina para todos – para toda a humanidade*, lançado em dezembro de 2020. Nele, o Sinpro-DF argumenta que, em qualquer lugar do mundo, todas as vidas devem ter o mesmo valor e cuidado porque viver é um direito e nada pode mudar isso.

#VacinaParaTodos 

VACINA JÁ!



Filiado: [®]
CUT
CNTE
DF



Não se pode falar de educação sem amor! 



UNIVERSO FEMININO

KAMALA

QUEM É A MULHER POLÍTICO





HARRIS: COM MAIOR PODER NO MUNDO ATUAL?

————— Iêda Vilas-Bôas

Foto: divulgação

Ela é Kamala Devi Harris, nascida Oakland, Califórnia, a 20 de outubro de 1964. Autêntica libriana, demora a se decidir, mas depois que o prato da balança pende, não volta atrás. É sociável e muito comunicativa, e salta aos nossos olhos que Kamala é extremamente dedicada ao que se propõe a fazer.

Advogada e política do Partido Democrata, primeira pessoa não branca e primeira mulher a ocupar a Vice-Presidência dos Estados Unidos, Kamala foi também a primeira procuradora-geral (2011-2017) e a primeira senadora (2017- 2021) de seu Estado, a Califórnia. É casada com o advogado Douglas Emhoff, também da Califórnia, desde agosto de 2014.

Filha de mãe indiana, da etnia Tâmis, e de pai jamaicano afrodescendente, ela teve o privilégio de ter pais dedicados ao estudo, à pesquisa e à ciência, e sempre envolvidos em manifestações políticas. Sua mãe, Shyamala Gopalan Harris era uma proeminente pesquisadora do câncer de mama que emigrou de Chennai, Índia, em 1960.

Os pais se divorciaram quando ela tinha sete anos, e sua mãe recebeu a custódia das crianças. Após o divórcio, Shyamala mudou-se com as filhas para Montreal, Quebec, no Canadá, onde conseguiu um cargo no setor de pesquisa do Hospital Geral Judeu e lecionou na Universidade McGill.

A pequena Kamala cresceu lendo bons livros, cantando no coro da igreja Batista e treinando oratória nas brincadeiras infantis, que liderava. A força do matriarcado Harris ressoa em sua descendência: a filha de sua irmã Maya, *Meena Harris*, também é advogada, dirige a *Phenomenal*, uma plataforma de ativismo social feminista, e escreveu um *best-seller* infantil, o livro *Kamala and Maya: Big Idea*, uma história que homenageia as irmãs Harris e sua capacidade de transformar comunidades.

Seu nome, Kamala, pronuncia-se "Kô-ma-la" e significa "flor de lótus". Seu sobrenome, Harris, fala-se "RÊ-ris". Ela e sua única irmã, Maya Lakshmi, receberam nomes de princesas Indu. Maya tem carreira triunfal como advogada e ativista de direitos humanos.

Kamala Harris graduou-se com um bacharelado em artes pela Universidade Howard e em direito pela Faculdade de Direito Hastings da Universidade da Califórnia. A carreira política foi meteórica, construída com muita diplomacia e inúmeras vitórias.

Como procuradora, Harris iniciou um programa que oferecia aos traficantes de drogas detidos uma única vez a oportunidade de concluir o ensino médio e conseguir um emprego. O programa graduou cerca de trezentas pessoas, com os participantes alcançando uma taxa de reincidência muito baixa.

Em 2009, escreveu o livro *Smart on Crime: A Career Prosecutor's Plan to Make Us Safer*, que pode ser traduzido por *Esperto no crime: a carreira de um executor tem como plano nos salvar*. Nele, abordou a justiça criminal desde uma perspectiva econômica,



discutindo uma série de mitos” em torno do sistema da justiça criminal, e apresentou propostas para reduzir e prevenir o crime. Foi reconhecida pelo *The Los Angeles Daily Journal* como uma das cem melhores advogadas da Califórnia, integrou o conselho da Associação de Procuradores Distritais da Califórnia e foi vice-presidente da Associação Nacional de Procuradores Distritais.

Defensora da necessidade de inovação na segurança pública, um dos programas que desenvolveu, o *“Back on Track”*, que podemos traduzir por: “De volta aos trilhos”, foi sancionado pelo então governador republicano Arnold Schwarzenegger como um programa modelo para o Estado.

Sob a atuação de Kamala, várias causas de minorias tiveram progressos na aquisição de Direitos, e a procuradora endureceu com crimes de ódio, crimes de ódio contra crianças e adolescentes LGBT nas escolas, crimes de violência contra gays e transexuais. Declarou apoio ao casamento entre pessoas do mesmo sexo. Como procuradora, também fechou muitos casos por meio de delações premiadas, contribuindo para resolver a lista de casos de assassinatos acumulados em pilhas de papéis e burocracia.

É lógico que Kamala sofreu muitas retaliações e críticas ao seu trabalho. Afinal, o patriarcado não é de permitir tanto talento para uma mulher mestiça e filha de imigrantes estigmatizados. Sua vida profissional foi marcada por conquistas e, de outra parte, tentativas de reduzir seu poder.

Enfrentou muitos desafios em suas gestões, por exemplo, no caso Espinoza, policial morto em serviço. Na época, Kamala não buscou a pena de morte para o assassino, mas negociou a prisão perpétua, atitude que não agradou os policiais militares colegas do falecido.

Em sua atuação de vanguarda, Harris defendeu na Legislatura Estadual a aprovação do projeto de lei denominado Declaração de Direitos do Proprietário, em abril de 2012. Apresentou a Declaração de Direitos do Proprietário na Legislatura do Estado da Califórnia, um pacote de vários projetos de lei que daria aos proprietários mais “opções ao lutar para manter sua casa”.

Um dia após a posse de Trump como presidente, ela classificou a mensagem do discurso de posse do novo presidente como “sombria”, ao falar durante

a Marcha das Mulheres em Washington. E, a partir de então, canalizou forças para o empoderamento feminino em várias áreas. Também se colocou na luta contra a deportação de imigrantes e chamou parte dessa ação governamental de “banimento a muçulmanos”. Em meados de 2018, foi uma das senadoras a pedirem ao governo Trump para interromper a política de separação de famílias.

Harris se opôs às tentativas dos republicanos de alterar o sistema de saúde, alegando que a revogação do *Affordable Care Act* prejudicaria a população pobre.

Kamala, fiel a suas convicções pessoais e políticas, se opôs ao projeto de lei Tax Cuts and Jobs Act, aprovado pelo Congresso e sancionado por Trump, pedindo a revogação dos cortes de impostos concedidos para os mais ricos. E, em maio de 2018, anunciou que iria copatrocinar o *Marijuana Justice Act*, que eliminaria o status da maconha como uma droga da Classe I, para colocá-la sob a Lei de Substâncias Controladas.

Já no final de seu mandato de senadora, após a retirada dos Estados Unidos do Plano de Ação Conjunto Global, assinou uma carta na qual argumentava que Trump não tinha autoridade legal para lançar um ataque preventivo contra a Coreia do Norte e que a decisão “colocaria em risco nossa segurança nacional e nos isola de nossos aliados mais próximos”.

Em janeiro de 2019, formalizou sua candidatura à presidência, porém, em nome da derrubada da extrema direita no país, recuou, sendo depois escolhida por Joe Biden como sua companheira de chapa. Em novembro, ambos derrotaram Trump e Mike Pence, sendo empossados em 21 de janeiro último.

A sua superação constante de desafios e estereótipos de gênero mostra a sua habilidade e também a necessidade de possuir determinação, resiliência e um poderoso senso de identidade para alcançar e para ter sucesso neste importante papel de liderança feminina no poder instituído.

Kamala Harris nos aponta que Dias Mulheres virão!



Iêda Vilas-Bôas –
Escritora.



LENDA DA ALAMOA

Zezé Weiss

Existe, segundo a lenda, uma sereia especial que seduz os pescadores desavisados nas praias do arquipélago de Fernando de Noronha. O nome dessa Iara é Alamoia.

Quem a viu, mesmo que na imaginação, diz que Alamoia é uma linda mulher, muito alta, de cabelos loiros, que mora no topo de um penhasco chamado Pico, a 323 metros de altura.

Delá, ela só desce às sextas-feiras das noites sem luar, para seduzir os marinheiros e pescadores que passarem por seu caminho. Enfeitiçados, os homens a seguem até o alto do Pico, onde ela se transforma em uma caveira e os joga penhasco abaixo.

Diz a lenda que o único jeito de escapar da maldição da Alamoia é rezar por uma chuva de raios, porque ela morre de medo e, para fugir dos raios, abandona sua presa sem pensar duas vezes.



Zezé Weiss - Jornalista. Texto adaptado das várias versões da lenda, disponíveis na Internet.



ARARA: A LUTA DE UM POVO PELA PRESERVAÇÃO DA TERRA INDÍGENA MAIS DESMATADA DO BRASIL

Marcela Fonseca

A decisão de abril de 2016 que determinou a homologação e demarcação da Terra Indígena Cachoeira Seca, no oeste do Pará, beneficiou com posse permanente e usufruto exclusivo os Arara, povo de recente contato.

Mas sem a desintração que coloca fim ao processo de regularização fundiária, o povo Arara e a Terra Indígena Cachoeira Seca seguem extremamente ameaçados. Com seus integrantes preocupados com o futuro e resguardados por seus direitos,

a comunidade indígena está preparada para pressionar as autoridades brasileiras para que cumpram com as suas obrigações.

A oficialização do território de mais de 730 mil hectares e que faz parte de uma área que abriga uma das maiores biodiversidades da Amazônia não foi o bastante para frear as práticas ilegais que sistematicamente promovem o desmatamento na região.

Segundo o Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), em 2020, a TI Cachoeira Seca se manteve como a



LUTA E RESISTÊNCIA

terra indígena mais desmatada do Brasil pelo 6º ano consecutivo. E a perda de floresta para o corte ilegal não parou de crescer.

Em 2018, foram desmatados 54,2 km², seguidos por 61,3 km², em 2019, e 72,4 km², em 2020. Ainda segundo o Inpe, entre 2008 e 2020, a TI Cachoeira Seca perdeu um total de 367,9 km² de floresta. Devastação que corresponde a uma área maior que a cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais (331,3 km²).

Para o Ministério Público Federal (MPF), dentre as situações de vulnerabilidade de terras indígenas, certamente um dos piores casos diz respeito ao povo Arara. Por meio de nota, o MPF explica que a TI Cachoeira Seca vem sendo dilapidada, com abertura de inúmeros ramais utilizados para extração de madeira. E a ocupação não indígena na área tem transformado significativamente o cotidiano da comunidade que vive aterrorizada.

Mobu Odo, cacique do povo Arara, afirma que ao caminhar pela mata é possível perceber que as invasões se aproximam. “Escutamos o barulho das motosserras e avistamos muitas picadas na mata. E as invasões estão cada vez mais perto da nossa aldeia”, diz.

Presidente da Associação Indígena do Povo Arara da Cachoeira Seca (Kowit), Timbektodem Arara explica que seu povo organiza uma campanha virtual para mobilizar a sociedade civil em apoio aos Arara. Além disso, o grupo faz parte da petição apresentada à Comissão Interamericana de Direitos Humanos que denuncia o Estado brasileiro pelas violações cometidas durante a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. “Está homologado e demarcado, ficou na fase de desintração, mas até agora nada. Estamos muito preocupados com o nosso território”.

Segundo Timbektodem, o número de não indígenas na TI Cachoeira Seca vem aumentando à medida que são feitos novos loteamentos “A ação do Ibama tem que chegar em todo o travessão da Cachoeira Seca, porque as pessoas estão loteando a terra e vendendo. Moradores antigos que tem lá dentro estão vendendo para novos moradores que estão chegando de outros estados. Estão vendendo tudo, terra que já está plantando, tem gado, tem de tudo. Tem mais de cinco mil pessoas lá agora”, afirma.

Para o antropólogo Daniel Lopes Faggiano, presidente do Instituto Maira, a desintração da TI Cachoeira Seca é necessidade de extrema urgência para a preservação dos Arara e da floresta. Faggiano considera a mobilização dos Arara como algo bastante simbólico diante do momento atual, pois representa uma luta universal.

“Essa é a TI mais desmatada do Brasil. A luta da Cachoeira Seca, caso a gente vença, abre precedentes para a positividade. E caso perca, abre precedentes para a ilegalidade. E avançar com esses direitos é importante no sentido de acesso à justiça socioambiental”.

O histórico de invasões da região vem desde os anos de 1970. A obra da Rodovia Transamazônica, em 1972, não só cortou ao meio o território dos Arara, como serviu de ponto de partida para que a área fosse ocupada por colonos, garimpeiros e madeireiros ilegais. O que gerou conflito, desagregação social e a desestabilização da vida produtiva.

“O povo Arara foi contactado por conta da Rodovia Transamazônica que foi alvo de críticas pela falta de respeito pelos direitos socioambientais. Eles são vilipendiados territorialmente desde o primeiro contato. E a chegada de Belo Monte ampliou os impactos negativos”, explica Faggiano.

Condicionante para a construção da usina, a regularização fundiária da TI Cachoeira Seca foi orientada, por meio de parecer técnico, pela Fundação Nacional do Índio (Funai), que considerou o grupo vulnerável.

“Foi a própria Funai que, em 2010, afirmou que Belo Monte apenas seria viável se concluída a desintração da TI Cachoeira Seca. Destaque-se, ainda, que o conflito existente nessa localidade vem sendo utilizado pela concessionária Norte Energia como justificativa para a demora na construção da base de vigilância do plano de proteção do território, que, segundo a concessionária dependeria, de apoio da Força Nacional”, afirmou o MPF em nota que alerta ainda para o risco de genocídio do grupo Arara, “que se encontra desprotegido na localidade”.

Em 13 de novembro de 2020, a Justiça Federal de Altamira reconheceu que a construção de Belo Monte provocou impacto significativo “nos traços culturais, modo de vida e uso das terras dos povos indígenas, causando relevante instabilidade nas relações intra e interétnicas”.

A partir disso, em decisão provisória, ordenou mudanças na execução do Plano Básico Ambiental (PBA-CI) de Belo Monte. A Justiça determinou ainda que a União e a Funai apresentassem, em um prazo de 90 dias, um cronograma para a conclusão do processo de regularização fundiária da TI.

No entanto, até o início da manhã de 29 de janeiro de 2021, o sistema de processo judicial eletrônico da Justiça Federal não registrava qualquer manifestação da União ou da Funai em que constasse o cronograma.

“O sistema de processo judicial eletrônico da Justiça Federal registrava que em dezembro a Norte Energia interpôs contestação à decisão Judicial e, no mesmo mês, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), apresentou à Justiça Federal manifestação reiterando a contestação”, informou o MPF.



Marcela Fonseca – Jornalista



**A EDUCAÇÃO APOIA
O AUXÍLIO EMERGENCIAL**

**A FOME NÃO DEIXA
NINGUÉM APRENDER**

#VOLTAAUXÍLIOEMERGENCIAL

Em 2020, o auxílio emergencial conseguiu garantir não só a comida no prato de milhões de brasileiros, mas também milhões de vidas, permitindo que as pessoas ficassem em casa reduzindo a disseminação da Covid-19. A CNTE apoia a manutenção desse auxílio, que é essencial para as famílias e para a educação pública, durante toda a pandemia.



Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br

Brasil

Filiada à





XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **210**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **270**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

